INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA – INPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ÁREAS PROTEGIDAS NA AMAZÔNIA
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM GESTÃO DE ÁREAS PROTEGIDAS NA AMAZÔNIA-MPGAP

ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE TICUNA BOM CAMINHO E SUA RELAÇÃO COM O ARUMÃ ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS

RITA DÁCIO FALCÃO

Manaus, Amazonas
Junho, 2014

RITA DÁCIO FALCÃO

ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE TICUNA BOM CAMINHO E SUA RELAÇÃO COM O ARUMÃ ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS

Orientador: Dr. Victor Py-Daniel
Co-orientadora: MSc. Iatiçara Oliveira da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia – MPGAP, oferecido pelo PPG do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do Título de Mestre em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia. Linha de pesquisa: Conservação e Uso dos Recursos Naturais: Uso tradicional dos recursos naturais

Manaus, Amazonas
Junho, 2014

F178 Falcão, Rita Dácio
Estudo sobre a comunidade Ticuna Bom Caminho e sua relação com o Arumã através do uso de ferramentas participativas / Rita Dácio Falcão. --- Manaus: [s.n.], 2015.
75 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) --- INPA, Manaus, 2015.
Orientador : Victor Py Daniel.
Área de concentração : Conservação e Uso dos Recursos Naturais.

1. Arumã. 2. Cestaria. I. Título.

CDD 745.5

Sinopse:

Estudou-se a comunidade Ticuna de Bom Caminho localizada no município de Benjamin Constant e sua relação com o arumã, matéria prima fundamental na confecção das cestarias, principal fonte de renda da comunidade.

Palavras-chave: Recurso Natural, Cestaria, Arumã, AMATÜ.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA - INPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ÁREAS PROTEGIDAS NA AMAZÔNIA

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

RITA DÁCIO FALCÃO

ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE TICUNA BOM CAMINHO E SUA RELAÇÃO COM O ARUMÃ ATRAVÉS DO USO DE FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS

Orientador: Dr. Victor Py-Daniel
Co-orientadora: MSc. Iatiçara Oliveira da Silva

Dissertação apresentada como parte dos requisitos necessários para à obtenção do grau de Mestre em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia, pelo Curso de Mestrado Profissionalizante em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, aprovada em 10/06/2014.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Rita de Cássia Guimarães Mesquita
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA
Presidente

_____
Profº. Dr. José Camilo Ramos
Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Membro

_____
Profa. Dra. Ana Carla dos Santos Bruno
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Membro

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente aquele que me deu a vida e é o arquiteto do universo, Deus. Por essa e outras, a Deus toda honra e toda glória.

Ao meu pai, Sebastião Falcão, por ter acreditado em mim e me ensinado a nunca desistir de meus sonhos, pois apesar das dificuldades ele nunca deixou de lutar para que seus filhos prosseguissem aos estudos, também, meu eterno carinho e agradecimento a minha mãe, Irene Dácio Falcão, pelo modelo de mãe e pela persistência que sempre teve para lutar contra as adversidades da vida, buscando sempre o melhor para seus filhos. A ambos, minha eterna admiração.

Agradeço a minha querida filha, Karinne Falcão Araújo, pelos beijos diários, pelo carinho e paciência que teve comigo durante essa trajetória. Filha, obrigada por existir em minha vida. Ao meu esposo, Valdiney da Silva Araújo, por está ao meu lado na minha formação pessoal e profissional. Minha gratidão a amiga e co-orientadora Profª Me. Iatiçara Oliveira da Silva que buscou co-orientar da melhor forma na realização deste trabalho, a você Sara meus sinceros agradecimentos. Ao Prof. Dr. Victor Py-Daniel, pela orientação, com comentários, sugestões, críticas, paciência, conselhos e compreensão e pelo profissionalismo com que me orientou. Agradecer aos meus alunos indígenas da etnia ticuna, Franckson Carneiro Felix e Marcelo Curica Fernandes, por serem meu braço direito nos trabalhos de campo e realizações das oficinas.

Meus profundos agradecimentos as minhas irmãs Rafaela Dácio Falcão e Ivone Dácio Falcão pelas incansáveis caminhadas ao meu lado, aos colegas e parceiros de trabalho Professoras, Marcella Pereira da Cunha Campos, Artemízia Rodrigues Sabino, Francilene dos Santos Cruz, Luciane Caetano Nunes e ao Professor Rony Iglecio Leite de Andrade, pela solidariedade e compreensão meus agradecimentos. Ao Programa de Pós Graduação em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia que me proporcionou a oportunidade de cursar um mestrado. Aos professores do Programa, em especial a Professora Dra. Rita Mesquita e ao Professor PhD. Henrique Pereira dos Santos, cujos ensinamentos contribuíram muito na minha capacitação para escrever este trabalho. Agradecer aos Professores Dr. José Camilo Ramos de Souza e Dra. Ana Carla dos Santos Bruno pela valiosa contribuição para realizar este trabalho. A todos que fazem parte da minha vida, direto e indiretamente colaborando no meu crescimento acadêmico e profissional o meu muitíssimo obrigado.

RESUMO

Este estudo foi realizado na comunidade indígena Ticuna Bom Caminho situada no município de Benjamin Constant, reconhecida nacionalmente pela produção de artesanatos. O artesanato, principal fonte de geração de renda da comunidade conta com o apoio da Associação das Mulheres Artesãs Ticuna de Bom Caminho – AMATÜ. A associação foi criada com a finalidade de organizar a produção e comercialização dos artesanatos o qual é o ponto forte da comunidade, visando à valorização e divulgação da cultura Ticuna como patrimônio, como também, a elaboração de projetos para o desenvolvimento da comunidade. O trabalho teve como objetivo realizar um estudo sobre a relação da população Ticuna de Bom Caminho com o Recurso Natural arumã, uma planta herbácea cujas fibras são utilizadas para confeccionar vários produtos do artesanato indígena. A coleta dos dados se deu através das ferramentas participativas: Linha do tempo, Calendário Sazonal, Mapa Falado do Momento Atual e da matriz FOFA (Fortaleza, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça). As mulheres da comunidade sempre trabalharam com a cestaria, mas trabalhavam de forma isolada, produziam para serem utilizadas em casa, nas roças e raramente eram vendidas. Quando não conseguiam vender, as cestas eram trocadas por roupas, utensílios domésticos e produtos alimentícios nas cidades mais próximas como Benjamin Constant, Tabatinga e Letícia na Colômbia. A partir da criação da AMATÜ as artesãs começaram a se organizar e a trabalhar juntas, com o apoio da AMATÜ participaram de cursos de aperfeiçoamento artesanal proporcionando maior qualidade ao produto e melhor aceitação no mercado, surgindo assim encomendas em grande escala. Dessa forma, houve um elevado aumento na produção artesanal e consequentemente na renda familiar e na qualidade de vida das artesãs. Com isso, a principal matéria prima utilizada para confeccionar as cestarias, o arumã, vem sofrendo grande pressão. Por consequência esse recurso natural está desaparecendo das proximidades da comunidade, dificultando assim o trabalho das artesãs, pois o tempo gasto para coletar o arumã já serviria para desenvolver outras atividades. Sendo assim, essa matéria prima de suma importância para os artesãos de Bom Caminho precisa ser melhor cuidada para que no futuro não falte e não prejudique a principal fonte de renda das famílias dessa comunidade.

Palavras-chave: Recurso Natural. Arumã. Cestaria. AMATÜ

ABSTRACT

This study was conducted in the Ticuna indigenous community called *Bom Caminho* located at the city of Benjamin Constant (Amazon State), nationally recognized for producing handicrafts. The craft, the main source of income generation in the community, has the support of the Association of Ticuna Artisans Women from *Bom Caminho* - AMATU. The association was created with the purpose of organizing the production and marketing of handicrafts which is the strong point of the community, in order to enhance and disseminate the Ticuna culture and patrimony, as well as the development of projects for community development. This work aimed to conduct a study on the relationship of Ticuna population from *Bom Caminho* with a natural resource called *arumã* which is a herbaceous plant whose fibers are used to manufacture various products of Indian handicrafts. Data collection occurred through participatory tools: Timeline, Seasonal Calendar, Spoken Map of Current Moment and FOFA matrix (Fortaleza, Opportunity, Weakness and Threats). The community women have always worked with basketry, but worked in isolation, produced for home use, in the fields and it was rarely sold. When they could not sell the baskets, those were exchanged for clothes, household items and food products in nearby towns like Benjamin Constant, Tabatinga and Leticia, in Colombia. From the creation of AMATU on, the artisans began to organize and work together, with the support of AMATU they have attended craft training courses providing the highest quality products and better market acceptance, receiving many more orders on a large scale. Thus, there was a high increase in handicraft production and consequently the family income and quality of life of artisans. Therefore, the main raw material used for making the baskets, the *arumã*, has come under great pressure. As a consequence, this natural resource is disappearing nearby community, thus hindering the work of artisans as the time taken to collect *arumã* could be spent to develop other activities. Thus, this very important material to *Bom Caminho's* artisans need to be better cared for, so in the future, it will not disappear harming the main source of economy of the families of this community.

KEY-WORDS: Natural Resource, *Arumã*, Basketry, AMATU.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 OBJETIVOS..... 12

3 MATERIAL E METODO...... 12
3.1 ÁREA DE ESTUDO..... 12
3.2 COLETA DE DADOS..... 13
3.2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA..... 14
3.2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 14
3.2.3 FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS..... 15
3.2.3.1 OFICINA I: CONSTRUÇÃO DO MAPA FALADO DO MOMENTO ATUAL..... 15
3.2.3.2 OFICINA II: LINHA DO TEMPO..... 16
3.2.3.3 OFICINA III: CALENDÁRIO SAZONAL..... 17
3.2.3.4 OFICINA IV: MATRIZ FOFA..... 18
3.2.4 SAÍDA DE CAMPO..... 19
3.3 ANÁLISE DOS DADOS 20

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 20
4.1 A PRODUÇÃO DE ARTESANATOS (CESTARIAS) E AS CONSEQUENCIAS SOCIOAMBIENTAL NA COMUNIDADE INDIGENA BOM CAMINHO 20
4.2 FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS..... 22
4.3 COLETA, PROCESSAMENTO E TECITURA DO ARUMÃ.....60
4.3.1 TIPOS DE ARUMÃ ENCONTRADOS NA ÁREA DE PESQUISA.....60
4.3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ARUMÃ SEGUNDO COLETORES E ARTESÃOS DE BOM CAMINHO..... 60
4.3.3 COLETA..... 62
4.3.3.1 COLETA NO PERÍODO DA CHEIA..... 62
4.3.3.2 COLETA EM ÁREA DE TERRA FIRME..... 66
4.3.4 COLETORES NÃO-ARTESÃOS..... 67
4.3.5 CONFLITO SOBRE O RECURSO NATURAL..... 68
4.3.6 PROCESSAMENTO DO ARUMÃ..... 68
4.3.7 TECITURA DO ARUMÃ..... 70
4.3.7.1 PRODUÇÃO DAS PEÇAS..... 71

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 72

REFERÊNCIAS..... 74

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Região do Alto Solimões 13
Figura 02 - Localização da área de estudo 13
Figura 03 - Inicio da construção do mapa falado 23
Figura 04 - Construção do Mapa Falado 24
Figura 05 - Observação do mapa construído 24
Figura 06 – Terra indígena Santo Antonio 27
Figura 07 – Touceira de arumã no roçado 30
Figura 08 – Mapa falado da comunidade Bom Caminho 33
Figura 09 – Construção da Linha do Tempo da comunidade Bom Caminho 35
Figura 10 – Linha do Tempo da comunidade Bom Caminho 37
Figura 11 – Artesãos observando a Linha do Tempo 38
Figura 12 – Artesãos finalizando a Linha do Tempo 38
Figura 13 – Linha do tempo finalizada 39
Figura 14 – Linha do Tempo da comunidade Bom Caminho 41
Figura 15 – Diálogo entre artesãos 45
Figura 16 – Construção do Calendário Sazonal 45
Figura 17 – Relator da oficina Calendário Sazonal 46
Figura 18 – Interação entre artesãos 46
Figura 19 – Construção do Calendário Sazonal 47
Figura 20 – Calendário Sazonal da comunidade Bom Caminho 49
Figura 21 – Arumanzal do Butiquim 51
Figura 22 – Abertura de roçados e coivara 52
Figura 23 – Abertura de roçados 54
Figura 24 – Inicio da construção da Matriz FOFA 55
Figura 25 – Organização das ideias na Matriz FOFA 56
Figura 26 – Matriz FOFA da comunidade Bom Caminho 57
Figura 27 – Transporte do arumã 62
Figura 28 – Coleta e corte do arumã em relação ao solo 63
Figura 29 – Feixes de arumã 64
Figura 30 – Artesã carregando o arumã 65
Figura 31 – Arumanzal 65
Figura 32 – Pintura do Arumã 69
Figura 33 – Artesã destalando o arumã 70
Figura 34 – Artesã tecendo pacará 71
Figura 35 – Artesanatos produzido pelas artesãs da AMATU 71

1 INTRODUÇÃO

Os autodenominados Magüta (povo pescado), chamados de Ticuna pelos demais povos, formam a maior etnia da Amazônia brasileira. Com uma população de 46.000 indivíduos (IBGE 2010), ocupam cerca de 70 aldeias às margens do rio Solimões, no estado do Amazonas. As suas terras estão localizadas na maioria dos municípios que compõem essa região: Tabatinga, Benjamin Constant, Amaturá, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá e Tonantins. Diversas aldeias tornaram-se prolongamento das zonas urbanas das sedes dos municípios, e muitas delas apresentam populações expressivas para o padrão do interior da Amazônia.

Com uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do rio Solimões, foi somente nos anos 1990 que os Ticuna ganharam o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Hoje, enfrentam o desafio de garantir sua sustentabilidade econômica e ambiental, bem como qualificar as relações com a sociedade envolvente mantendo viva sua riquíssima cultura.

Os povos indígenas geralmente têm uma compreensão mais profunda do que quaisquer outros povos da ecologia do seu meio ambiente e de seus recursos naturais, mas em muitos casos eles ainda não têm uma ideia clara de como esses recursos podem ser administrados para acomodar um estilo de vida diferente do que estavam habituados. Muitas comunidades indígenas estão se adaptando a mudanças que afetaram não apenas seu meio ambiente, mas também a forma pela qual elas o utilizam.

A análise dos conhecimentos, técnicas e mecanismos socioculturais característicos das sociedades indígenas pode apontar caminhos mais adequados para um modo de ocupação do espaço com base no manejo sustentado do meio ambiente. Por outro lado, os resultados da análise dos modos de ocupação do espaço das sociedades tradicionais e o aporte de perspectivas econômico-sociais alternativas podem possibilitar novos caminhos às sociedades indígenas e às comunidades tradicionais, já articuladas com o mercado e fortemente pressionadas para que adotem práticas econômicas que promovem a devastação ambiental.

Dessa forma, essas populações indígenas agora se encontram em situações dramaticamente diferentes daquelas nas quais seus antecedentes viveram, e estão em processo de adaptação a mudanças muito radicais. Algumas dessas mudanças ocorreram com tal rapidez que não houve tempo suficiente para compreender suas implicações. Seria

extremamente ingênuo imaginar que mudanças e desenvolvimento desse tipo não continuarão, e que as populações indígenas da Amazônia não continuarão sofrendo as consequências da cobiça e da ignorância de outros povos.

Do mesmo modo, muitas comunidades indígenas amazônicas estão agora envolvidas, em algum nível, com o comércio. Geralmente, isso envolve a exploração de recursos naturais em suas terras, desde a exploração madeireira comercial à produção em pequena escala de produtos não madeireiros coletados de modo sustentável na floresta, ou se dedicam ao artesanato. Essas comunidades estão buscando ativamente fontes de renda para satisfazer as suas novas necessidades, como por exemplo, bens manufaturados, saúde e educação. Outras estão buscando meios para adaptar seus estilos de vida e de subsistência agora alterados, assim como, meios de mitigar as ameaças, por forças externas, às suas terras e recursos. Isso pode ter um impacto significativo não apenas na forma pela qual as comunidades utilizam e manejam os seus recursos, mas também na maneira como estes são percebidos por elas.

Assim, considerando que são necessárias pesquisas para determinar se os recursos naturais utilizados pelos indígenas nas economias tanto de subsistência e de mercado podem ser geridas de forma sustentável, esta pesquisa buscou realizar um estudo sobre a relação da população Ticuna de Bom Caminho com o recurso natural arumã (*Ischnosiphon* spp), uma planta herbácea cujas fibras são utilizadas para confeccionar diversos produtos do artesanato indígena. Os índios Ticuna da comunidade fazem cestarias ricas em grafismos, representando seus clãs e utilizam vários tipos de matérias-primas como cipós, corantes e outros fixadores naturais para fabricar os artesanatos, mas a principal matéria prima utilizada é o arumã. A comunidade indígena de Bom Caminho está localizada na Terra Indígena Santo Antônio no entorno da cidade de Benjamim Constant no Alto Solimões, onde o artesanato é uma das principais fontes de geração de renda.

A pesquisa apresenta a realidade vivenciada pelos artesãos da comunidade que foram os protagonistas desse estudo. Para a coleta de dados, a técnica utilizada foi observador participante, com entrevistas estruturadas, não estruturadas e oficinas realizadas através das ferreamentas participativas, as análises dos dados está apresentada de forma descritiva. Dessa forma, pôde-se obter as informações necessárias para realizar este trabalho.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

✓ Compreender a relação existente entre os Ticuna de Bom Caminho e o recurso natural arumã.

2.2 Específicos

✓ Identificar a distribuição espacial das populações humanas e das populações de arumã, as áreas de uso antrópico mais intenso, as áreas de extrativismo/coleta vegetal, as áreas degradadas, as áreas de caça, as áreas de capoeiras, roçados, áreas de moradia, igarapés, paranás e rios;

✓ Diagnosticar o uso dos recursos naturais ao longo do tempo, como uso do solo, cobertura vegetal, dentre outros;

✓ Verificar como as artesãs de Bom Caminho planejam o uso do arumã ao longo do ano, além de conhecer a variação, durante o ano, de fenômenos ambientais, tais como, enchentes, vazantes; a utilização de recursos naturais, como caça, pesca e extrativismo vegetal; cultivos - plantio e colheita; eventos culturais, como festas populares e cerimônias religiosas e outros aspectos ligados ao sistema de vida local;

✓ Sistematizar os problemas e oportunidades relacionadas ao uso e extração do arumã, identificando as oportunidades e os desafios referentes ao gerenciamento do recurso natural em estudo;

✓ Vivenciar todo o processo que ocorre desde a saída dos artesãos para coletar o arumã até a atividade final que é a tecitura das cestarias com as fibras deste vegetal.

✓

3 MATERIAL E MÉTODO

3.1 Área de estudo

Este estudo foi realizado na comunidade indígena Bom Caminho (04°22’51,6”S e 69°59’09,8”W), uma das três comunidades integrantes da Terra Indígena Santo Antônio. Homologada pelo Decreto nº 311 de 29/10/1991, está localizada à margem direita do Rio Solimões, no entorno da cidade de Benjamim Constant, no Alto Solimões, a uma distância de 4,5 km em linha reta do porto de Benjamim Constant. A cidade de Benjamin Constant, por sua vez, está localizada no Sudoeste Amazonense, na Microrregião do Alto Solimões distante de Manaus 1.118 km em linha reta e por transporte fluvial a distância é de 1.638 km, a cidade faz fronteira com a República do Peru (IBGE 2010).

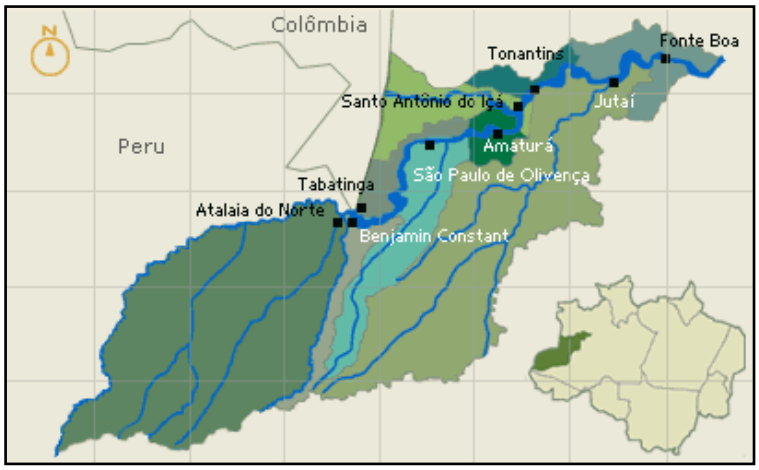

Figura 01 - Região do Alto Solimões
Fonte - SIPAM, 2005

A comunidade possui 159 famílias e cerca de 800 pessoas com origem indígena na etnia Ticuna (SIASI-FUNASA/MS/2013).

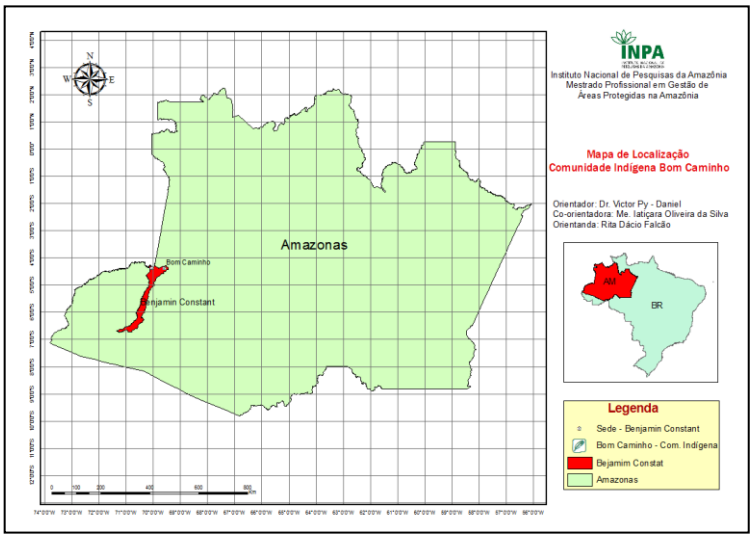

Figura 02 - Localização da área de estudo – comunidade Bom Caminho
Fonte - IBGE (2010), adaptado por ANDRADE, R.I.L

3.2 Coleta de dados

De acordo com Hegenberg (1976) método é "o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado".

Para chegar aos seus objetivos, esse trabalho fez uso de uma abordagem qualitativa, através do uso das ferramentas participativas, instrumentos de pesquisa já reconhecidos e

aplicados de diferentes formas em vários contextos (p. ex., na cogestão, na gestão conjunta, na gestão participativa, e na gestão adaptativa), apesar de raramente especificarem o nível de participação dos atores locais (AUMEERUDDY-THOMAS *et al* 1999;. CASTELLANET E JORDÂNIA 2002; CHAMBERS, 2004; IIED, 1994; KLOOSTER, 2002; PRETTY *et al*. 1995; RICHARDS, 1985; van BODEGOM, 2000).

Embora difiram no nome e aplicação, métodos participativos têm provado ter pelo menos cinco principais vantagens e princípios em comum (PRETTY *et al*. 1995). Primeiro, elas promovem uma via de mão-dupla no intercâmbio cultural e no processo de aprendizagem cumulativa. Em segundo lugar, elas permitem que várias perspectivas possam ser incluídas no grupo-aprendizagem. Em terceiro lugar, elas podem ser aplicadas e adaptadas para contextos locais e atores específicos. Quarta, elas ajudam as pessoas a identificar as suas necessidades e como implementar mudanças. Finalmente, elas permitem a criação de instituições locais ou o fortalecimento, porque a comunidade local funciona como participante do processo de pesquisa, e não como um objeto.

3.2.1 *Participantes da Pesquisa*

Colaboraram nesta pesquisa vinte e um artesãos de Bom Caminho, dezoito mulheres e três homens, todos associados à AMATÜ. Foram escolhidos como informantes-chave mulheres e homens que vivem na comunidade há mais de 35 anos, como as senhoras Rosa Chota Dávila, Divina Lucinda Luís e Daci Emidio de Souza e dos senhores Bernardo de Souza Agostinho e Pedro Ferreira Ramos. Também participaram artesãos mais jovens, que já nasceram na comunidade. Alguns tinham um grau de parentesco mais próximo com os artesãos mais antigos, como os de mãe e filha, nora, cunhada, irmão, tio, esposo e esposa.

Os participantes além de trabalharem no artesanato, trabalham na roça e na pesca juntamente com seus esposos e esposas para complementar a renda familiar e dar uma melhor qualidade de vida para sua família. Todos os artesãos que fizeram parte da pesquisa também são coletores e sabem da dificuldade que encontram para chegar ao arumanzal.

3.2.2 *Procedimentos Metodológicos*

Os dados sobre a disponibilidade do arumã, períodos de coleta e atividades de processamento e usos desta planta foram obtidos através da observação participante, documentação fotográfica e condução de entrevistas livres com os membros associados à

AMATÜ, essas atividades fizeram parte dos trabalhos de campo realizado na comunidade Bom Caminho.

Foram promovidas quatro oficinas com as Ferramentas Participativas: Linha do Tempo, Calendário Sazonal, Mapa Falado do momento atual e Matriz FOFA, com a finalidade de identificar os habitats onde o arumã ocorre, como é coletado e processado e como são utilizadas as fibras dessa planta.

Neste trabalho, pudemos contar com a colaboração dos alunos do Curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, da Universidade do Estado do Amazonas – CSTB/UEA: Franckson Carneiro Felix e Marcelo Curica Fernandes, ambos indígenas da etnia Ticuna, que transcreveram traduzindo para o português o que os artesãos discutiam e decidiam em sua língua materna durante as oficinas e em todas as etapas da coleta de dados deste trabalho.

3.2.3 *Ferramentas Participativas*

Para atingir o objetivo da pesquisa foram desenvolvidas quatro oficinas utilizando-se das ferramentas participativas, que se desenvolveram da seguinte forma:

3.2.3.1 Oficina I: Construção do Mapa Falado do Momento Atual

O mapa foi construído de forma participativa e teve como principal objetivo a visualização espacial do recurso natural arumã, os tipos de uso do solo e forneceram a percepção do meio ambiente pelos participantes. Consideramos que essas informações podem ser melhor visualizadas e compreendidas em imagens ou mapas do que aquelas inseridas em tabelas, documentos, gráficos ou mesmo apresentadas oralmente.

Processo de construção do mapa

- Primeiramente foi definido um facilitador para mediar o desenvolvimento da oficina, esse papel é de fundamental importância no decorrer da oficina, pois é ele quem auxilia na organização das ideias e estimula a participação dos artesãos durante a oficina, como também foi dele o papel de repassar os objetivos da oficina e explicar como ela seria desenvolvida. E para registrar as informações contamos com dois relatores, uma fotógrafa e uma cinegrafista, todos colaboradores da pesquisa.

- Os artesãos foram convidados pelo facilitador a dar início à construção do mapa da comunidade, identificando, de uma forma geral, a distribuição espacial das populações humanas e as populações de arumã, recurso natural em estudo, ou seja, identificar onde estão localizadas as áreas de uso antrópico mais intenso; áreas de extrativismo/coleta vegetal; áreas degradadas; áreas de caça; áreas de capoeiras, roçados, áreas de moradia; igarapés, paranás, rios, etc. Os participantes tiveram a liberdade de escolher como seria representado no mapa cada um dos componentes físicos do território da comunidade, usando os elementos disponíveis no momento, como por exemplo, folhas verdes para identificar matas nativas, folhas secas para áreas degradadas, barbante azul para representar os rios e igarapés, etc. O mapa foi construído no chão e foram utilizados elementos móveis que puderam ter maior flexibilidade para as mudanças na disposição dos símbolos durante o processo de construção.

3.2.3.2 Oficina II: Linha do Tempo

A Linha do Tempo da comunidade Bom Caminho foi construída de forma participativa e teve como principal objetivo identificar o nível de exploração ocorrido nas populações de arumã ao longo do tempo. Essa ferramenta chamada “Linha do Tempo”, é muito utilizada para fazer diagnósticos do uso de recursos naturais. De acordo com Drummond (2009), esta ferramenta ajuda a entender as mudanças de alguns aspectos ao longo do tempo, como uso do solo, cobertura vegetal, disponibilidade de recursos naturais, etc. Além disso, conhecer a história da comunidade ajuda a compreender os acontecimentos do presente, como também conhecer as causas que levaram às condições atuais e discutir possíveis soluções para os problemas detectados para que juntos possam busca novas alternativas para reduzir os níveis de degradação do recurso natural “arumã” e melhorar a qualidade de vida local.

Processo de construção da Linha do Tempo

- Primeiramente foi definido um facilitador para mediar o desenvolvimento da oficina. Para registrar as informações contamos com dois relatores, uma fotografa e uma cinegrafista, todos colaboradores da pesquisa. Para construir a Linha do Tempo foram utilizados barbante, cartolina, pedrinhas, tampa de garrafa pet, pincel atômico, lápis e canetas, fornecidos pela

responsável pela oficina. Esses materiais ofereceram maior flexibilidade durante a construção da “linha do tempo”, pois puderam ser trocados de posição durante sua construção.

- Os artesãos foram solicitados a traçar uma linha reta no chão que foi chamada de “linha do tempo” e descreverem as mudanças que aconteceram no local ao longo dos trinta e seis anos de existência da comunidade. Nesta oficina, dentre as participantes, estiveram presentes mulheres e homens que vivem na comunidade desde que foi fundada, assim como mulheres e homens mais jovens, muitos deles genros e noras dos mais antigos, a fim de identificar a história do local em diferentes momentos, ou seja, como era a comunidade anos atrás e como está hoje, para fazer uma análise nas diferentes situações. Esta ferramenta não exige que os anos sejam exatos, mas sim que sejam destacados acontecimentos marcantes, mas se os participantes lembrarem de datas exatas e específicas, estas serão válidas e importantes.

3.2.3.2 Oficina III: Calendário Sazonal

A construção deste calendário teve como principal objetivo identificar como as artesãs de Bom Caminho planejam o uso do recurso natural (arumã) ao longo do ano, como também ter um conhecimento maior sobre o uso do arumã pelos artesãos de Bom Caminho, assim como conhecer a variação, durante o ano, de fenômenos ambientais, como, por exemplo, enchentes, vazantes; a utilização de recursos naturais, como caça, pesca e extrativismo vegetal; cultivos - plantio e colheita; eventos culturais, como festas populares e cerimônias religiosas, e de outros aspectos ligados ao sistema de vida local. Este calendário pôde gerar informações sobre as variações sazonais de problemas e oportunidades na comunidade.

Processo de construção do Calendário Sazonal

- Foi definido um facilitador para mediar o desenvolvimento da oficina. Esse papel é de fundamental importância, pois é ele quem auxilia na organização das ideias e estimula a participação dos artesãos durante a oficina, como também foi dele o papel de repassar os objetivos da oficina e explicar como ela seria desenvolvida. E para registrar as informações, contamos com dois relatores, uma fotógrafa e uma cinegrafista, todos colaboradores da pesquisa.

- Para construir o Calendário Sazonal foram utilizados papel madeira, fita gomada, pedrinhas, tampa de pet e pincel atômico, materiais fornecidos pela responsável (pesquisadora) da oficina. O calendário foi construído de forma participativa com os objetos acima citados que permitiram algumas mudanças na disposição dos símbolos durante o processo de construção e discussão. A facilitadora juntamente com os artesãos fez um levantamento das atividades desenvolvidas durante o ano na comunidade.
- O calendário foi desenhado na forma de uma tabela, com os meses escritos na primeira linha e as atividades listadas pelos artesãos na primeira coluna. Foram identificados os meses em que cada atividade ocorre, o período de maior pressão do recurso e identificado onde há maior disponibilidade desse recurso vegetal.

3.2.3.4 Oficina IV: Matriz FOFA

A matriz FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), foi desenvolvida com o objetivo de identificar os pontos fracos e fortes, ou seja, o que está indo bem – fortalezas e oportunidades - e o que está indo mal – fraquezas e ameaças na comunidade, principalmente em relação ao recurso natural pesquisado (arumã). A matriz FOFA é um valioso instrumento para a análise de um tema específico como a utilização dos recursos naturais, o monitoramento e a avaliação de ações implementadas em um determinado local, assim como a avaliação do desempenho do trabalho da comunidade (DRUMOND, 2009).

A análise FOFA auxiliou os participantes da oficina a sistematizarem suas opiniões sobre problemas e oportunidades relacionadas ao uso e extração do arumã. Dessa forma, os artesãos puderam identificar melhor as oportunidades e os desafios referentes ao gerenciamento do recurso natural do qual sobrevivem.

Processo de construção da Matriz FOFA

- Primeiramente foi definido um facilitador para mediar o desenvolvimento da oficina, esse papel é de fundamental importância, pois é ele quem auxilia na organização das ideias e estimula a participação dos artesãos durante a oficina, como também foi dele o papel de repassar os objetivos e explicar como ela seria desenvolvida. E para registrar as informações contamos com dois relatores, uma fotografa e uma cinegrafista, todos colaboradores da pesquisa. Para construir A Matriz FOFA foram utilizados papel madeira, fita gomada,

cartolina em forma de fichas, tesoura e pincel atômico, materiais fornecidos pela responsável da oficina. A Matriz FOFA foi construída de forma participativa com os objetos acima citados que permitiram a mobilidade na disposição das fichas durante o processo de construção e discussão.

- A matriz foi desenhada com quatro colunas em papel madeira e em seguida foi estimulada uma "chuva de ideias" entre os participantes para identificar as fortalezas, as fraquezas, as oportunidades e ameaças. A facilitadora conduziu a atividade com perguntas orientadoras em relação ao tema tratado.

- Após a "chuva de ideias" as informações foram escritas pelos participantes nas fichas para facilitar a visualização e a disposição das ideias. Elas foram identificadas e avaliadas, destacando-se as de maior relevância, sempre tomando os cuidados para que todos os pontos de vista fossem postos em discussão. Posteriormente, as quatro colunas da matriz foram montadas pelos participantes. O que mais importou nesta atividade foi descobrir os pontos fortes e fracos do uso e extração do arumã na comunidade indígena Bom Caminho.

3.2.4 Saídas de Campo

Foram realizadas saídas de acompanhamento aos artesãos até o arumanzal para observar e participar da coleta, dessa forma, foi possível vivenciar todo o processo que ocorre desde a saída dos artesãos para coletar o arumã até a atividade final que é a tecitura das cestarias com as fibras deste vegetal. Todo esse processo foi acompanhado e registrado através de fotografias e anotações como forma de documentar a pesquisa.

As entrevistas livres, além de serem feitas durante as oficinas e nas visitas feitas às residências dos artesãos também foram realizadas durante o acompanhamento às coletas. Essas conversas ajudaram a ter uma melhor visão sobre como está à disponibilidade do arumã na comunidade, a distância percorrida por eles desde as residências até o arumanzal, do tempo gasto para fazer a coleta e da distribuição espacial da planta na comunidade e arredores. Foram também relatados os períodos de maior pressão extrativa sobre o recurso "arumã" expondo os motivos pelo qual ocorre e quais as utilidades dessa planta.

3.3 Análise dos dados

Os dados coletados durante a pesquisa foram explorados por meio de análise descritiva dos relatórios de campo e observações (visita in loco), análise das respostas dadas nas entrevistas, descrição de diálogos formal, informal e análise das informações geradas no decorrer das oficinas. Os dados foram analisados, tabulados e apresentados de forma descritiva e registro fotográfico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A produção de artesanatos (cestarias) e as consequências sócio-ambiental na comunidade indígena Bom Caminho

Os indígenas chamados Ticuna pelos demais povos formam a maior etnia da Amazônia brasileira. Ocupam cerca de 70 aldeias às margens do rio Solimões, no estado do Amazonas. "De acordo com seus mitos, os Ticuna são originários do igarapé Eware, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (*Tonatü*), tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. Ainda hoje é essa a área de mais forte concentração de Ticuna". Oliveira (2002).

De acordo com Gruber (2000), de modo geral, os Ticuna possuem excepcional talento e sensibilidade para a arte e a representam de *"maneira muito rica e imaginativa, principalmente nas suas produções materiais e na música"*. A autora ressalta que, desde criança, manifestam o gosto pela pintura desenhando nas paredes das casas, no chão do terreno, em pedaços de madeira ou em outros materiais. Na vida adulta, esse gosto permanece e muitos se tornam habilidosos artistas.

A habilidade artística também se faz presente no artesanato, feito tradicionalmente pelas mulheres para uso próprio, como o tipiti, aturá, potes, cestos e outros objetos usados para carregar, guardar alimentos e para compor cerimônias e rituais tradicionais.

Segundo Cruz (2006), em decorrência do relevante papel que o artesanato passou a ocupar na subsistência de algumas aldeias, foi criada a Organização das Mulheres Artesãs Ticuna (OGMITAS). A partir da criação dessa organização, cada uma das aldeias cujo artesanato assume o papel de principal fonte de renda voltada para a subsistência, passou a formalizar seus próprios grupos de artesãos e a construir centros de fabricação; como exemplo pode-se

citar a comunidade indígena Bom Caminho, localizada na Terra Indígena Santo Antônio no entorno da cidade de Benjamim Constant no Alto Solimões, onde o artesanato é uma das principais fontes de geração de renda. Almeida (1996), em sua pesquisa de campo no Alto Solimões em algumas aldeias Ticuna, observou que nas comunidades distantes poucas famílias utilizavam o artesanato como produto de venda; as eventuais negociações se davam com os regatões. Já nas aldeias mais próximas das cidades, verificou que a fabricação e a venda de artesanato representavam um importante meio de subsistência.

A comunidade Bom Caminho criou em 05 de dezembro de 1999 a Associação das Mulheres Artesãs Ticuna de Bom Caminho (AMATÜ). A associação fundou o Centro de Artesanato de Bom Caminho com a finalidade de organizar a produção e comercialização do artesanato, além de ser o local de trabalho, armazenamento e ponto de exposição dos produtos artesanais fabricados pelos artesãos.

A sede da associação de artesanato funciona também como Centro Comunitário onde são realizadas as reuniões, assembleias e confraternizações festivas da comunidade. A associação tem por presidente dona Rosa Chota Dávila que está no cargo desde a fundação da associação (05/12/1999). De quatro em quatro anos, no dia 05 de dezembro, acontecem às eleições, mas somente as mulheres podem votar.

Os associados se reúnem duas vezes por mês para fazer a prestação de contas dos artesanatos vendidos e resolverem outros assuntos voltados à associação. O acesso à comunidade é feito via fluvial ou terrestre, contudo, tal estrada fica interditada em dias de muita chuva. A vocação produtiva da comunidade está voltada ao artesanato com sementes nativas, arumã, tucum e madeira.

Atualmente os Ticuna enfrentam um grande desafio para garantir sua sustentabilidade econômica, ambiental e principalmente manter viva sua riquíssima cultura mediante a sociedade envolvente. Mudanças tão significativas são observadas entre os grupos indígenas, tanto no cenário político quanto no econômico. Observa-se que grupos indígenas estão se unindo em economias de mercado e isso gera um aumento da produção de artesanato indígena que pode aumentar a pressão sobre as populações das espécies utilizadas (ATHAYDE, 2000).

No Brasil, existem ONGs que trabalham com as comunidades indígenas e rurais para desenvolver projetos para a comercialização dos artesanatos principalmente as cestarias de arumã, como o Projeto de Arte Baniwa na região do Rio Negro e do Projeto Fibrarte, que

trabalha com comunidades ribeirinhas em torno do Parque Nacional do Jaú, na região noroeste de Manaus. Mas no Alto Solimões não existe nenhum estudo referente ao tema. A partir dessa premissa que o trabalho justifica o seu propósito investigativo, buscando compreender a relação entre os ticuna da comunidade indígena Bom Caminho e o recurso natural Arumã. Para atender os objetivos da pesquisa foram desenvolvidas oficinas utilizando das técnicas participativas, ou seja, as Ferramentas Participativas para obtenção de dados.

4.1.1 *Ferramentas Participativas*

As técnicas participativas consistem de diversas abordagens que são utilizadas como ferramentas para a obtenção de informações e reflexão sobre as condições ambientais e sociais locais. A utilização adequada dessas técnicas desenvolve um processo de investigação, planejamento e ação, ajudando em uma série de mudanças de atitudes individuais e de grupo (DRUMOND, 2009).

Essas ferramentas são aplicadas em forma de oficinas que, além de fomentar questões ambientais, normalmente levantam também necessidades básicas das comunidades, relacionadas à saúde, renda familiar, educação, entre outros temas. Portanto, esses aspectos, além de interferirem diretamente na forma de uso e conservação dos recursos naturais, são na grande maioria das vezes, os mais relevantes para a comunidade, e o investimento na busca da resolução para essas questões de cunho socioeconômico pode resultar em benefícios imediatos ao meio ambiente.

O desenvolvimento das Ferramentas Participativas tem muitos elementos visuais e orais, permitindo que a técnica seja utilizada independentemente do nível de escolaridade das pessoas envolvidas podendo ser adaptadas de acordo com as necessidades encontradas em diferentes situações e utilizadas em diversas finalidades.

Para o desenvolvimento deste trabalho buscamos focar no recurso natural mais utilizado pelos artesãos de Bom Caminho na confecção de artesanatos: o Arumã, planta herbácea da família das Marantaceae. As oficinas foram realizadas na comunidade Indígena Bom Caminho, mais precisamente na residência da senhora Rosa Chota Dávila (líder da Associação das Mulheres Artesãs Ticuna de Bom Caminho-AMATÜ).

OFICINA I: Mapa Falado do Momento Atual

Processo de construção

O mapa falado é uma ferramenta utilizada para representar a percepção dos participantes sobre o ambiente em que vivem. Um instrumento privilegiado para abordar a distribuição espacial do recurso natural estudado. Durante sua confecção, está em debate tudo aquilo que tem representação no espaço como rios, matas, casas, escolas, igreja, igarapés, entre outros.

A construção do mapa falado se deu de forma participativa e teve como principal objetivo, a visualização da distribuição espacial do recurso natural em estudo, matéria prima fundamental para a confecção de cestarias produzidas pelos artesãos da AMATÜ, além do uso do solo, fornecendo a percepção do meio ambiente pelos participantes. A oficina contou com a participação de vinte e um artesãos, sendo dezoito mulheres e três homens, todos associados à AMATÜ. Primeiramente, os participantes foram estimulados a dar início ao desenho representativo do seu espaço, objeto de reflexão no momento. Essa atividade possibilitou uma discussão entre os comunitários artesãos sobre diversos aspectos da realidade de forma mais ampla, possibilitando assim um diagnóstico do espaço em que vivem. Os elementos que formaram o mapa são representações dos componentes do espaço em análise e foram destacados pelo grupo na discussão.

Figura 03 - Inicio da construção do mapa falado da comunidade.
Fonte - Rafaela Falcão

Durante a construção do mapa houve uma grande integração entre os participantes, que conversavam na língua materna, mas depois que terminava a discussão eles repassavam as informações em português.

Figura 04 - Construção do mapa falado da comunidade.
Fonte - Rafaela Falcão

O mapa foi construído com elementos móveis disponíveis no local e alguns foram disponibilizados pela moderação, como barbante, pedras e tampas de garrafa tipo PET. Aos poucos, os componentes da realidade foram sendo lembrados e representados no mapa. À medida que cada novo componente era representado buscou-se explorar todo o conhecimento do grupo a respeito do elemento representado.

Figura 05 - Observação do mapa construído
Fonte - Rafaela Falcão

Finalizada a construção do mapa, os participantes da oficina fizeram juntamente com a facilitadora uma análise geral da situação atual da comunidade levantando algumas

problemáticas vivenciadas pela comunidade a respeito das populações de arumã foco principal deste estudo.

Primeiramente, os artesãos deram destaque para os tipos de arumã encontrado na comunidade: o arumã de nó grosso e o arumã de nó fino; o arumã verdadeiro e o arumã falso.

Segundo os artesãos os arumãs de nó não são muito utilizados, devido aos nós que prejudica na qualidade dos produtos. O arumã verdadeiro também é pouco utilizado, por ser mais difícil de ser encontrado como diz dona Joana, "*o arumã verdadeiro é mais difícil de achar, porque ele já foi muito tirado, de vez enquando achamos uma touceira mais é pequena, coletamos e separamos do falso. Esse tipo de arumã é mais forte, custa se estragar, ele dura muito, e na hora de tecer é melhor, é mais mole e não quebra, facilita nosso trabalho e as peças ficam mais resistentes*".

O arumã falso é mais abundante, sendo utilizado com mais frequência pelos artesãos, como diz dona Fátima "*o arumã falso é mais fácil de ser encontrado porque tem muitos perto dos igarapés, esse arumã é mais grosso e rende mais que o arumã verdadeiro, esse arumã é mais duro para tecer só podemos tecer pela manhã quando o sol está mais frio, senão ele fica duro e quebra quando estamos tecendo, as vezes ele corta nossas mãos ou a gente tece de noite também porque está mais frio e ele fica melhor para tecer*". Dona Rosa enfatiza dizendo, "*para tecer os cestos é preciso tecer na sombra para não quebrar e desperdiçar nosso trabalho e o nosso tempo*". Isso porque o arumã falso é menos flexível do que o arumã verdadeiro

Foi observado que para todos os tipos de arumã antes de ser tecido ele precisa passar por um processo de tratamento, precisa ser raspado, pintado e posto ao sol para secar a tinta, destalado em fasquias, daí estará pronto para ser tecido. A temperatura para a secar o arumã deverá ser bem alta. O arumã após ser coletado pode ficar até uma semana sem sofrer esse processo e não perde a qualidade, se passar mais tempo sem ser processado ele perderá a utilidade, pois ele depois de coletado se torna frágil e poderá se estragar facilmente. Depois de passar por todo o processo de tratamento o arumã pode esperar o tempo que for preciso para ser tecido.

Como diz dona Rosa "*vamos coletar o arumã, depois começamos a raspar, pode ser qualquer hora depende do tempo, com sol ou com chuva, mas quando pintamos o arumã com o cumatê é preciso à ajuda do sol para poder secar com mais facilidade, para tecer os cestos é preciso tecer na sombra para não quebrar e desperdiçar nosso trabalho e o nosso tempo*". Isso acontece porque o arumã mais utilizado pelos artesãos é o chamado arumã falso, que é menos flexível e quando o sol está muito quente ele enrigece ainda mais, dificultando assim a

confecção dos artesanatos. Muitas vezes sofrem acidentes como cortes nas mãos por causa da rigidez das talas.

Desde quando foi inaugurada, a Associação das Mulheres Artesãs Ticuna de Bom Caminho – AMATÜ, a principal matéria prima utilizada para fazer as cestarias, o arumã, vem sofrendo grande pressão e por consequência esse recurso natural está desaparecendo das proximidades da comunidade, sendo encontrado somente há alguns quilômetros de distância e em alguns casos fora das propriedades da comunidade, como nas proximidades do igarapé Crajari que fica em uma terra não indígena.

Esta terra, segundo as artesãs, é uma terra livre que fica próximo à comunidade não indígena de Santa Rita. Ainda segundo nossos informantes não há problema nenhum em coletar o arumã nessa área. Há ainda o igarapé Simondia que está na Terra Indígena Kokama (ver fig. 06). Em ambos os locais citados é possível chegar somente quando é época de cheia, pois são muito distantes da comunidade para ir caminhando.

Os informantes relataram durante a oficina que para coletar arumã não há limitação de terra, eles retiram o arumã onde for mais perto independendo a quem pertença a propriedade. Mas relataram também que quando foram coletar arumã nas propriedades da comunidade vizinha de Filadélfia houve conflito por motivos de invasão do arumanzal desta comunidade.

Eles alegam que os ticuna de Filadélfia não trabalham com essa matéria prima, mas não deixam seus vizinhos coletarem. Isso se torna um problema para os artesãos, pois precisam se deslocar de suas residências bem cedo para coletar o arumã e só retornam no final do dia, como afirma o senhor Bernardo "*o arumã era coletado aqui perto na comunidade Filadélfia mais os ticuna dessa comunidade não deixaram mais, fomos proibidos de retirar o arumã, tivemos problemas com o pessoal de lá. Mais com a comunidade de Santa Rita não temos problema, podemos retirar o arumã de lá quando precisamos, porque o igarapé Crajari pertence a comunidade Santa Rita que não é uma comunidade indígena é uma terra livre e nós podemos retirar o arumã lá sem briga e também retiramos arumã no garapé Simondia que fica na terra dos índios Kokama*".

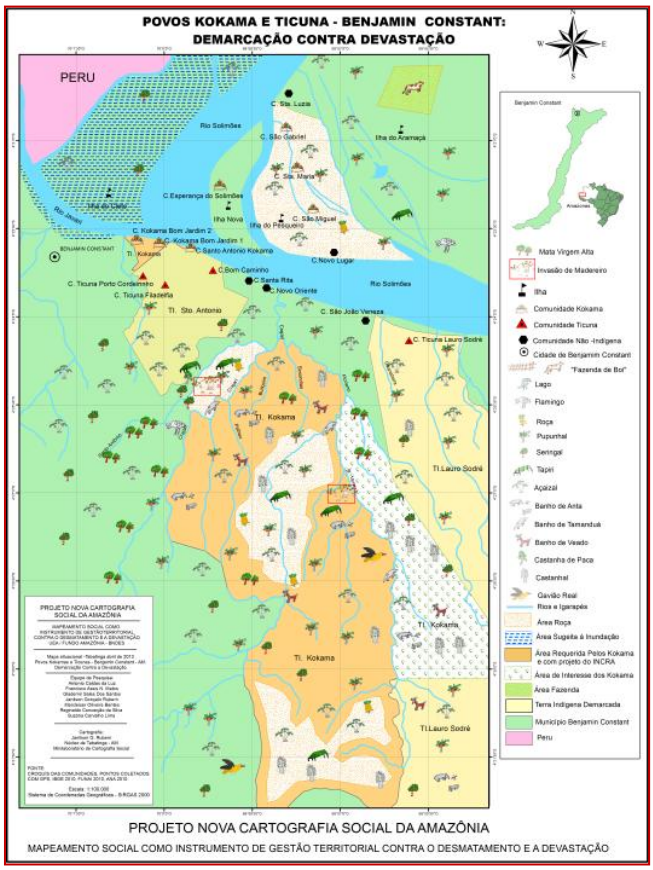

Figura 06 - Terra Indígena Santo Antônio
Fonte - Projeto Nova Cartografia Social

Outro local de coleta de arumã fica nas proximidades do igarapé Butiquim, localizado na área da comunidade Bom Caminho, mas que fica à uma hora e meia de caminhada de ida e mais de duas horas de caminhada de volta para suas residências, pois na volta os artesãos trazem o feixe de arumã nos ombros e a viagem se torna cansativa, fazendo assim algumas paradas para descansar.

Segundo os artesãos, se o arumã fosse encontrado mais próximo da comunidade facilitaria o trabalho, o tempo gasto para coletar a matéria prima já serviria para desenvolver outras atividades como tecelagem e pintura das fibras, como também cuidar das roças juntamente com seus esposos e esposas, como diz dona Rosa, "*antigamente tinha arumã mais perto, agora nós temos que andar até duas horas para encontrarr arumã, nós vamos de peque-peque até o igarape Crajari ou o igarapé Simondia para retirar arumã quando é época de cheia. Na época da vazante nós vamos retirar arumã perto do garapé Butiquim que fica atrás da nossa comunidade, vamos andando mais de uma hora e meia até chegar ao arumanzal e demoramso mais de duas horas para voltar, isso atrapalha nosso trabalho*".

As mulheres da comunidade sempre trabalharam com a cestaria, mas de forma isolada, a partir da criação da AMATÜ a produção da cestaria aumentou e consequentemente a renda familiar. As mulheres começaram a fazer a diferença nas despesas da casa, começaram a ganhar seu próprio dinheiro, como disse dona Joana "*antes da criação da AMATÜ, as mulheres mais nova não queriam aprender tecer, as mães queriam ensinar mais elas não queria saber de aprender, mas depois que viram que nós estávamos ganhando dinheiro tecendo elas quiseram também aprender a tecer para ganhar dinheiro também*".

A comunidade é conhecida até fora do Brasil pela produção de um artesanato de qualidade. Além do arumã os artesãos também utilizam outras matérias primas como sementes, tucum, tururi, madeira murapiranga, balseira, jarina, cipós e outros. A principal fonte de renda é a cestaria, mas eles também confeccionam máscaras, redes, bolsas, cortinas, adornos, além de biojóias confeccionadas com sementes de açaí, paxiúba, tento, molungú, lágrima de Santa Luzia, buriti, patoá, xumborana, ingarana e morototó.

Por causa da distância onde se encontram os arumanzais na maioria das vezes quem vai coletar o arumã são os esposos, mas também quando seus esposos estão ocupados com o trabalho da roça ou na pesca as artesãs compram o arumã, elas encomendam o feixe com 50 talos de arumã por R$ 20,00. Essas pessoas que vendem o feixe de arumã, na maioria das vezes, não são artesãos e não se preocupam com a forma de coleta, coletam de maneira incorreta, prejudicando assim a população natural do arumã, como relata dona Daci "*agora o arumanzal tá muito longe e muitas vezes quem vai buscar para nós são nossos maridos, mais quando os maridos estão muito ocupados na roça nós compramos de outra pessoas que retiram o arumã para vender, nós encomendamos e eles entregam para nós o amarrado de arumã, eles vendem por R$ 20,00 o amarrado com 50 talos de arumã, mas eles retiram o arumã verde sem preocupação, sem cuidado, retiram de qualquer jeito porque eles não tecem, não são artesãos".* Outras vezes, as artesãs se reúnem e vão ao arumanzal fazer a coleta. Elas relatam que tem pessoas que fazem a coleta mas não são artesãos, essas não tem o cuidado com as touceiras de arumã, pois coletam de qualquer forma sem se preocupar com os talos mais finos e jovens, ou seja, estragam os talos, cortam as touceiras inteiras, não são artesãos, então porque se preocupar com o fim dessa matéria prima. Dona Divina se preocupa e relata "*eu gosto de ir ao arumanzal tirar meu arumã, porque eu sei cortar e sei qual tá maduro, eu escolho só os que estão maduro e os verdes, pequenos e finos ficam para amadurecerem e vou buscar de novo quando eles estiverem maduros, eu não corto tudo, eu não compro porque eles não cuidam e não escolhem porque eles não tecem e não sabem quando tá bom*".

Por esse motivo, elas fazem o possível para fazer a coleta e só fazem a encomenda quando realmente não dá para elas coletarem ou enviar os esposos. Quando elas fazem as coletas, selecionam e se preocupam com os talos jovens e só cortam os talos maduros, pois os talos mais jovens ficam para a próxima coleta, os talos maduros são mais adequados para confeccionar as cestarias, os talos verdes jovens quebram facilmente e dessa forma, há um desperdício de tempo e de matéria prima, por esse motivo elas evitam ao máximo comprar os feixes, porque os vendedores põem no feixe arumã maduro e arumã verde e elas veem aí um desperdício de dinheiro e também do recurso natural, como afirma dona rosa "*nós fazemos o possível para ir buscar o arumã, nós mulheres nos reunimos e vamos em um dia que tá sol bonito para ir buscar arumã, é melhor porque a gente sabe quando ele tá bom, não retiramos ele verde porque ele estraga ele quebra quando estamos tecendo e estraga o nosso trabalho e a gente sabe porque nós que tecemos por isso não tiramos o arumã verde, deixamos para retirar na outra viagem quando ele já estiver maduro, é por isso que não gostamos muito de comprar o feixe do arumã*".

Mas, na maioria das vezes as mulheres acompanham seus esposos na coleta do arumã, pois hoje elas percebem que precisam cuidar desse recurso natural, dependem muito dele para confeccionar as cestarias e se não cuidarem ele vai desaparecer totalmente porque já está desaparecendo das proximidades da comunidade, elas reconhecem que tem que retirar o arumã da natureza de maneira responsável como disse dona Keth *"nós nos reunimos e vamos com nossos maridos para o arumanzal, nós que trabalhamos com o arumã temos que cuidar dele porque nós tecemos as cesta com ele e se ele acabar nós vamos tecer as cestas com o que, porque ele já tá muito longe pra nós irmos buscar, ele pesa para carregar, quand vamos de canoa trazemos muito mais, mas quando vamos andando trazemos pouco porque é longe, por isso nós temos que cuidar para ele não acabar e num ficar mais longe ainda*".

Durante a construção do mapa percebeu a preocupação dos artesãos com a distância onde se encontram os arumanzais. Além do aumento da produção da cestaria de arumã que fez com que essa matéria prima sofresse grande pressão, outro fator que contribui muito para que esse recurso natural desaparecesse das proximidades da comunidade, foi o aumento da abertura dos roçados para plantar macaxeira, banana, abacaxi, melancia, mas a plantação que mais se destaca é a plantação de macaxeira para fazer a farinha, vender e aumentar a renda das famílias. Conforme disse o senhor Bernardo "*o que fez também com que o arumã ficasse mais distante da comunidade é que as família chegaram e a comunidade aumentou e aí o pessoal foi fazendo os roçados para plantar macaxeira para fazer farinha e plantar outros alimentos como, abacaxi, banana, para vender, muitos desse pessoal não tecem arumã e não*

se preocupam se ele está acabando ou não, quando esse pessoal fazem os roçados eles derrubam as árvore e queimam fazem coivara ai matam os arumã"

Na medida em que os roçados vão sendo abertos, a população de arumã vai desaparecendo juntamente com as outras matas nativas deste espaço. Comentaram também que existem algumas touceiras de arumã ao redor dos roçados, mas essas touceiras de arumã não se desenvolvem que com o tempo eles não crescem, não engrossam e suas folhas aos poucos vão ficando amareladas, suas touceiras são pequenas não tem qualidade e uma fibra de arumã com essas características não servem para confeccionar um produto de qualidade, pois o arumã se adapta melhor na sombra e próximo aos igarapés, eles gostam de lugares charco e com pouca luz. E na várzea quando vem à cheia a água mata as touceiras de arumã. Relatos do senhor Bernardo "*o arumã também nasce na beira da roça mais não cresce bonito, quando ele ta novinho ele tá bonito, mas quando passa o tempo ele fica feio, as folhas ficam amareladas e ele não cresce, fica fino torrado e não dá para fazer cesta bonitas de qualidade, porque o arumã gosta de sombra e de lugar charco, perto de igarapés ele cresce muito bonito*".

Figura 07 - Touceira de arumã na beira do roçado.
Fonte - Rafaela Falcão

Os artesãos observaram no mapa construído que as populações naturais de arumã estão muito longe e fizeram algumas sugestões para um futuro desejado. Sugeriram que a AMATÜ fizesse um projeto que contemplasse o transplante de arumã para mais próximo da comunidade, estudar um lugar propício para plantar as mudas, próximo a um igarapé e plantar árvores frutíferas de maior porte para fazer sombra para as mudas de arumã, árvores como mangueiras, ingazeiras, abacateiros, goiabeiras, açaizeiros, abiu, cupuaçu, entre outros, como

disse a dona Ermelinda "*a AMATÜ podia fazer um projeto para trazer o arumã para mais perto da comunidade, para ficar como era antes, a AMATÜ podia pedir ajuda da ISCO para trazer arumã para perto, aí nós plantávamos árvore grande para fazer sombra para eles, nós podíamos plantar arvores maiores para fazer sombras. aí nós podíamos procurar um lugar bom para plantar como perto de um igarapé que o arumã gosta de está no sol forte senão ele fica feio e não cresce, nós iamos cuidar e iamos ter arumã pertinho das nossas casas*".

A cestaria não é a única atividade que as artesãs se dedicam. As mulheres, além de trabalharem no artesanato, ajudam seus esposos a cuidar dos roçados, da casa e muitas acompanham os esposos na pesca, como disse o senhor Pedro "*as mulheres da comunidade tecem arumã para vender a cestaria, mas elas também ajudam na roça quando a gente vai roçar, coivara, plantar e também quando vamos fazer a farinha elas todas ajudam e ajudam até pescar*".

Para dá o brilho nas fibras do arumã as artesãs utilizam o cumaté, que é um tipo de verniz natural retirado de um cipó que segundo as artesãs não existe na comunidade e, por isso, é comprado na comunidade indígena do Umariaçú, localizada no município de Tabatinga, e no município de São Paulo de Olivença, por um preço considerado por elas bem alto, R$ 20,00 por uma garrafa pet de 2L do produto. Para cada um cocão de cumaté são produzidas mais ou menos 500 peças dependendo do tamanho.

Outro produto utilizado é o urucum, que serve para pintar a fibra de arumã na cor vermelha e para a cor preta elas utilizam a balseira que é uma arvore que quando queimada se transforma em carvão essas matérias primas também são indispensáveis na confecção das cestarias.

Durante a construção do mapa foi possível observar de forma rápida e eficiente como a comunidade está estruturada. Um dos graves problemas enfrentado pela comunidade é a falta de água potável. A água é fornecida pela Fundação Nacional de Saúde Indígena-FUNASA, cuja instalação fica na comunidade de Filadélfia e é distribuída às comunidades vizinhas como Bom Caminho e Porto Cordeirinho através de encanações. Os moradores até o momento não pagam por esse serviço e nem todos têm acesso a ele, mas, segundo os moradores, não tem tratamento adequado. A água utilizada para beber vem da chuva e a água encanada serve para fazer os outros serviços domésticos e a higiene pessoal. As doenças que mais ocorrem nos comunitários são: diarreia, malária, alergias e febre por infecção intestinal. A comunidade possui um agente de saúde que não disponibiliza de muitos recursos (remédios e transporte) para atender os comunitários.

O acesso à comunidade é feito por via fluvial ou terrestre, contudo, tal estrada fica interditada em dias de muita chuva. A comunidade possui a própria escola, a Escola Municipal Porto Cordeirinho. Também possui uma Igreja da seita da Santa Cruz. Na parte produtiva, a única infraestrutura encontrada é casa de farinha comunitária que é utilizada pelas famílias por conta própria, sem a ocorrência de um trabalho comunitário.

As casas dos comunitários estão dispostas aleatoriamente pela comunidade, sendo observado também uma grande área de capoeiras onde são encontrados algumas touceiras de arumã. Observou-se nessa oficina que a população de arumã (foco principal neste estudo) onde as artesãs estão fazendo suas coletas e onde eles se encontram com mais frequência estão localizados fora da comunidade, nos igarapés do Crajari e do Simondia. Dentro do território da comunidade o arumã é encontrado somente próximo à mata virgem nas proximidades do igarapé do Butiquim, que vem a ser muito longe do centro da comunidade. Portanto, próximo à comunidade não é mais possível encontrar essa matéria prima, somente fora da comunidade como disse dona Divina, "*agora fica muito longe pra tirar o arumã, nós temos que andar muito até chegar o arumanzal, quando tá cheio é mais rápido porque vamos de canoa e paramos perto do arumanzal*".

Todas essas informações foram obtidas durante a construção do Mapa Falado Atual da comunidade Ticuna Bom Caminho. (ver fig. 08). O processo de construção do mapa e as discussões agregadas a ele forneceram a base de análise sobre aspectos ambientais e sociais da área. Após a discussão, o mapa foi copiado para o papel e fotografado como mais uma forma de registro das informações.

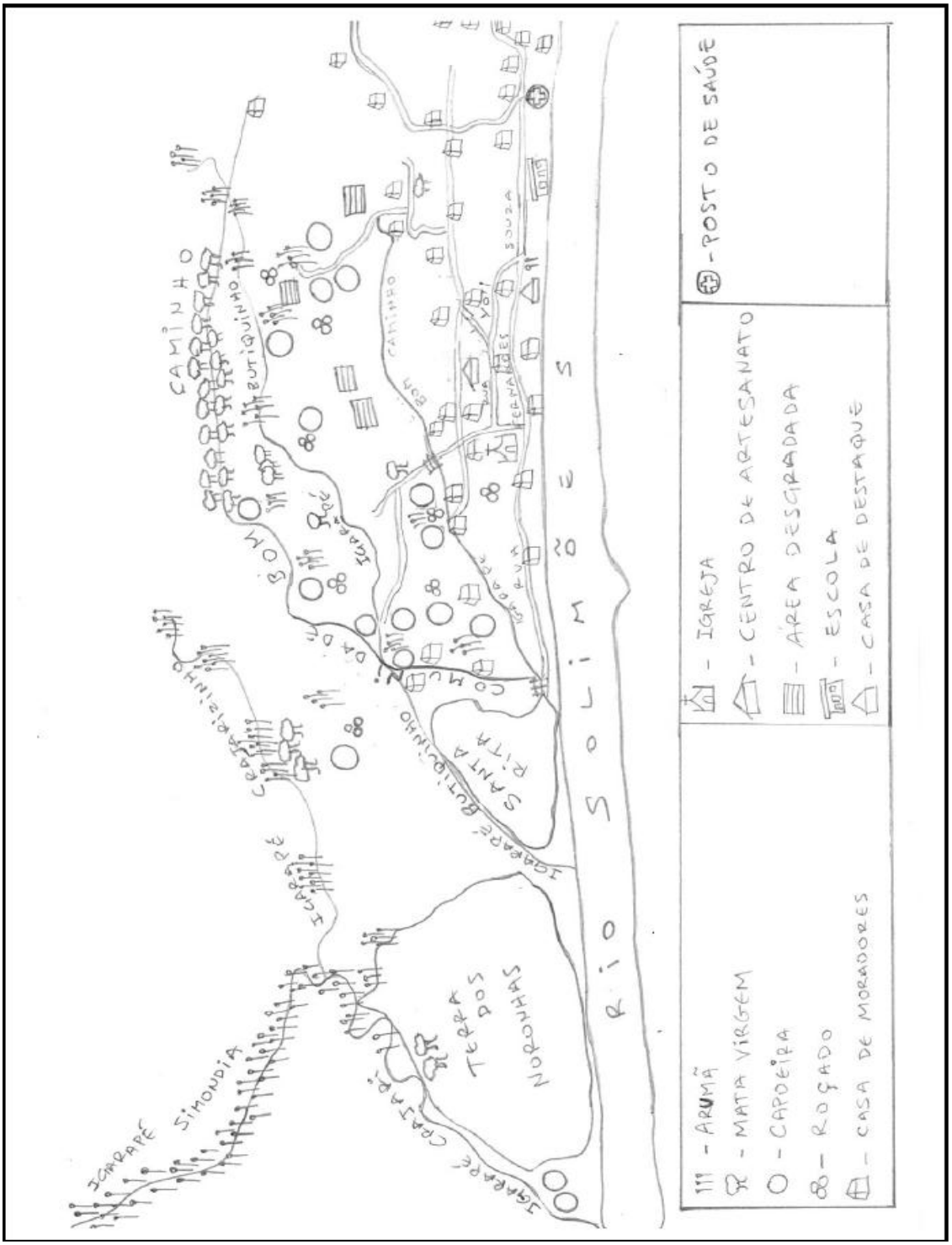

Figura 08 - Mapa Falado da comunidade Bom Caminho
Fonte - Artesãs da AMATÜ, adaptado por Rubens Falcão

OFICINA II: Linha do Tempo

A construção da Linha do Tempo da Comunidade Bom Caminho teve como objetivo identificar o nível de exploração ocorrido nas populações de arumã ao longo do tempo. De acordo com Drummond (2009), esta ferramenta ajuda a entender as mudanças de alguns aspectos ao longo do tempo, como uso do solo, cobertura vegetal, disponibilidade de recursos naturais, etc. Conhecer o passado ajuda a compreender o presente e auxilia no planejamento de novas ações visando à união entre os comunitários para que juntos possam buscar novas alternativas para reduzir os níveis de degradação desse recurso natural e melhorar a qualidade de vida local.

Processo de construção

Primeiramente foi definido o facilitador para mediar o desenvolvimento da oficina, em seguida foi exposto o objetivo da oficina e como ela seria desenvolvida. Nesta atividade esteve presente entre as participantes pessoas mais idosas e mais jovens, a fim de identificar a história do local em diferentes momentos, ou seja, como era a comunidade anos atrás e como está hoje, para fazer uma análise nas diferentes situações. A facilitadora começou perguntando há quanto tempo os artesãos viviam na comunidade. Em seguida foi traçado uma linha e solicitado ao grupo de artesãos que construíssem a Linha do Tempo da comunidade Bom Caminho, descrevendo as mudanças que aconteceram na comunidade, com o objetivo de conhecer os acontecimentos que marcaram a comunidade e como influenciaram para a economia local e para a pressão exercida sobre os recursos naturais, neste caso o arumã.

Os objetos utilizados para construir a linha do tempo da comunidade foram: barbante, canetas, lápis, pedrinhas, tampas de garrafa pet, cartolina e pincel, todos os materiais foram proporcionados pela facilitadora.

Figura 09- Construção da Linha do Tempo da comunidade Bom Caminho
Fonte - Rafaela Falcão

Na primeira etapa da oficina os artesãos descreveram como iniciou a comunidade. A comunidade foi fundada em 1978, pelo pastor Floriano Pinto de Souza, pertencente à igreja Santa Cruz e a comunidade tinha como capitão o senhor Elizeu. Na época, residiam na comunidade sete famílias, todas parentes, e como disse a dona Rosa "*outras pessoas que quisessem entrar de outra comunidade tinham que trazer uma carta tipo carta de recomendação dizendo o porque dessa pessoa tá saindo de lá, o porque dela está querendo morar aqui na comunidade, qual o objetivo dela de sair de lá, se é por causa da enchente, ou pela Santa Cruz pela religião, aí o capitão e o pastor fazia reunião com a comunidade e a pessoa esclarecia o porque de está querendo morar na comunidade*". Segundo ela até hoje acontece assim. No inicio da oficina as artesãs ficaram um pouco desconfiadas, mas com o passar do tempo elas foram entrando no assunto e colaboraram com bastante êxito.

A comunidade se formou ao redor da igreja Santa Cruz ou cruzada, nessa época só havia uma rua como afirma dona Maura, "*só havia uma rua e a igreja da Cruzada como atração de lazer, todos queriam participar dessa confraternização*". Também não havia escola e as crianças se reuniam na casa do capitão ou na casa do professor para estudar. O primeiro professor da comunidade foi o senhor Francisco Julião Ferreira que trabalhava voluntariamente e atendia a seis alunos. Com o passar do tempo o número de famílias foi aumentando e ele passou a trabalhar com treze alunos. Segundo Dona Leneyde, "*quando não tinha escola davam aula debaixo do pé de planta, porque hoje em dia tem professor se ele não estiver recebendo seu pagamento ele não quer dá aula, nós primeiro não eramos assim, éramos voluntários*".

A comunidade vivia da agricultura e da pesca. Plantavam melancia, banana, macaxeira, cana, pupunha, milho, abacaxi, etc. Trabalhavam com o ajuri para abrir os roçados e fazer a plantação. Antigamente havia interação entre as comunidades, Bom Caminho, Porto Cordeirinho e Filadélfia, quando iam abrir um roçado e fazer a plantação, trabalhavam na forma de ajuri. Hoje ainda existe essa forma de trabalhar, mas a maioria das vezes é entre os moradores da mesma comunidade. O arumã nessa época era pouco utilizado, pois havia poucas famílias e as pessoas só produziam as cestarias para ser utilizado em casa e na roça, não havia produção para a venda, como relata a senhora Divina "*antigamente aqui no inicio da comunidade as mulher não teciam pra vender, elas teciam somente pra usar dentro de casa e para carregar as coisas da roça para casa de farinha e fazer a farinha*".

Em 1989 foi aberta a estrada que dá acesso à cidade de Benjamin Constant e com a estrada veio também à energia, a energia trouxe mais facilidade para os comunitários, como afirma dona Fátima, "*com a chegada da luz da energia melhorou, compramos o nosso eletrodoméstico, TV, geladeira e vivia da agricultura, da pesca e da caça, mais vivia mais da agricultura*". Nesse ano também foi construída a primeira escola em prédio de madeira, e a Fundação Nacional do Índio - FUNAI colaborou com a regularização dos professores.

Nesta época já trabalhavam com arumã e procuram vender algumas peças, mas não como nos dias de hoje, como disse dona Divina moradora há 36 anos na comunidade, "*nesse tempo já trabalhava com arumã mais não tanto como hoje, vivia mais da agricultura, eu fazia meu artesanato e ia vender em Leticia, Tabatinga, Benjamin Constant, e quando não conseguia vender eu trocava com roupa, açúcar, sabão, café, leite, bacia, panela*". Como vimos à agricultura era o ponto forte na economia local.

Com a demarcação da Terra indígena Santo Antônio em 1991 os comunitário se sentiram mais seguros para fazer suas plantações, pois, desde então, ninguém mais podia tomar suas terras.

Figura 10- Linha do Tempo da comunidade
Fonte: Rafaela Falcão

Em 1999, foi fundada a Associação da AMATÜ. A associação iniciou com 27 integrantes, sendo vinte mulheres e sete homens. Desde então as atividades com o arumã aumentaram, e a partir do ano 2000 chegaram às parcerias. As parceiras da AMATÜ são: Secretaria de Estado para os Povos Indígena-SEIND, Programa Nacional de Geração de Emprego e Renda-PRONAGER, Serviço Brasileiro de Apoio as Micros e Pequenas Empresas-SEBRAE, FUNAI, Prefeitura de Benjamin Constant e Diocese do Alto Solimões-DAS. Essas parcerias vieram através de cursos de capacitação para as artesãs.

Esses cursos de aperfeiçoamento serviram para aumentar a qualidade e a produção dos artesanatos e com as parcerias aumentou a facilidade de comercialização. A partir daí a renda das artesãs aumentou e com isso a qualidade de vida da população. Dona Darcy comentou que as mães sempre buscaram ensinar suas filhas a tecerem, mas nem todas se interessavam em aprender, mas a partir a criação da AMATÜ, elas perceberam que podiam ganhar seu próprio dinheiro com as cestarias começaram a se interessar em aprender a tecer e foram se associar à AMATÜ, como disse dona Ermelinda *"antes da criação da AMATÜ as mães procuravam ensinar as filhas a tecerem, mais nem todas queriam aprender e nem saber sobre a teçaria, mais quando veio a AMATÜ elas vieram querer aprender porque queriam também ganhar dinheiro"*. Hoje a associação tem cento e vinte associados, sendo noventa mulheres e trinta homens.

Figura 11 - Observação da Linha do Tempo
Fonte - Rafaela Falcão

Com o aumento de associados à produção aumentou e a pressão sobre a matéria prima o arumã também aumentou.

Em 2007 chegou mais uma parceira a Universidade Federal do Amazonas – UFAM e juntamente com a UFAM veio o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas-IDAM.

Em 2010 apareceu mais uma parceria o Instituto Sindical para Cooperação ao Desenvolvimento - ISCOS. Esse Instituto vem desenvolvendo projetos de desenvolvimento sustentável nas comunidades ribeirinhas da cidade de Benjamin Constant. A ISCOS segundo dona Rosa Chota vem desenvolvendo seus projetos com 100% de aproveitamento, pois podem contar com seu apoio sempre que precisam.

Figura12 - Artesãos finalizando a Linha do Tempo.
Fonte - Rafaela Falcão

Segundo a dona Rosa, a partir do ano de 2001 o artesanato produzido pela AMATÜ, em especial a cestaria, foi ganhando nome e aceitação no mercado e eles começaram a vender em Manaus e até mesmo fora do Brasil como para a Itália através do apoio recebido da ISCOS.

Figura 13 - Linha do Tempo finalizada
Fonte - Rafaela Falcão

Em 2013 a pressão sobre esse recurso natural aumentou, a produção das cestarias aumentaram, as encomendas aumentaram e os associados também. A cada dia as populações naturais de arumã estão desaparecendo das proximidades da comunidade. Outro fator que colabora para que essa matéria prima fique cada vez mais distante da comunidade é o fato de que o número de famílias vem aumento e isso requer um número maior de roçados para a plantação e para fazer o é preciso desmatar, queimar grandes áreas de terra dentro da propriedade da comunidade matando assim os pés de arumã que estão mais próximos, como relata o senhor Pedro *"quando as mulheres foram para a AMATÜ elas teceram mais peças e foram tirar mais arumã, isso fez o arumã ficar longe, mais também quando mais pessoas veiram morar na comunidade eles abriram mais roçados e tão matando o nosso arumã".*

E para finalizar a oficina os participantes observaram atentamente a Linha do Tempo que construíram e fizeram uma análise do que ocorreu ao longo de trinta e seis anos de existência da comunidade que contribuiu para que o arumã hoje esteja tão distante. Os artesãos reconhecem que essa situação precisa mudar, pois perceberam que os maiores arumanzais estão localizados fora das propriedades da comunidade e que seria muito mais confortável se esse recurso natural fosse encontrado com maior facilidade e mais próximo da

comunidade, reconheceram que precisam fazer algo para mudar a situação e proporam algumas ideias para tentar solucionar a situação.

Uma das ideias foi fazer um projeto buscando o apoio das parceiras da AMATÜ para trazer mudas de arumã e plantar mais próximo da comunidade. Eles reconheceram que precisam cuidar dessa matéria prima essencial para fabricar as cestarias. Portanto, quando forem coletar precisam ter bastante cuidado para não prejudicar os brotos e os talos mais jovens, ou seja, coletar e utilizar com mais responsabilidade, sempre tendo em mente que se cuidar não vai faltar.

Uma outra ideia que busca solucionar o caso é a questão dos roçados, eles sugerem que, quando o agricultor for abrir seu roçado que ele procure fazê-lo onde não tenha grande populações de arumã, somente assim eles poderão contribuir com a continuidade desse recurso natural.

A linha do tempo ou o Perfil Histórico da Comunidade indígena Bom Caminho foi construído de forma participativa como o objetivo de identificar o nível de exploração ocorrido nas populações de arumã ao longo dos anos.

Após a observação e discussão a linha do tempo construída foi repassada para um papel como forma de documentar o trabalho. Os participantes iniciaram a construção da linha do tempo descrevendo como era a comunidade há 36 anos atrás. Segundo eles, a comunidade foi fundada em 1978 com a chegada da Igreja Santa Cruz ou igreja da cruzada que tinha como pastor o senhor Floriano Pinto de Souza. A comunidade teve início com apenas sete famílias. As atividades desenvolvidas eram a pesca, a caça e a agricultura, o arumã já era utilizado, mas somente para confeccionar objetos para uso doméstico e na agricultura, como paneiros, peneiras, tipitis e baús.

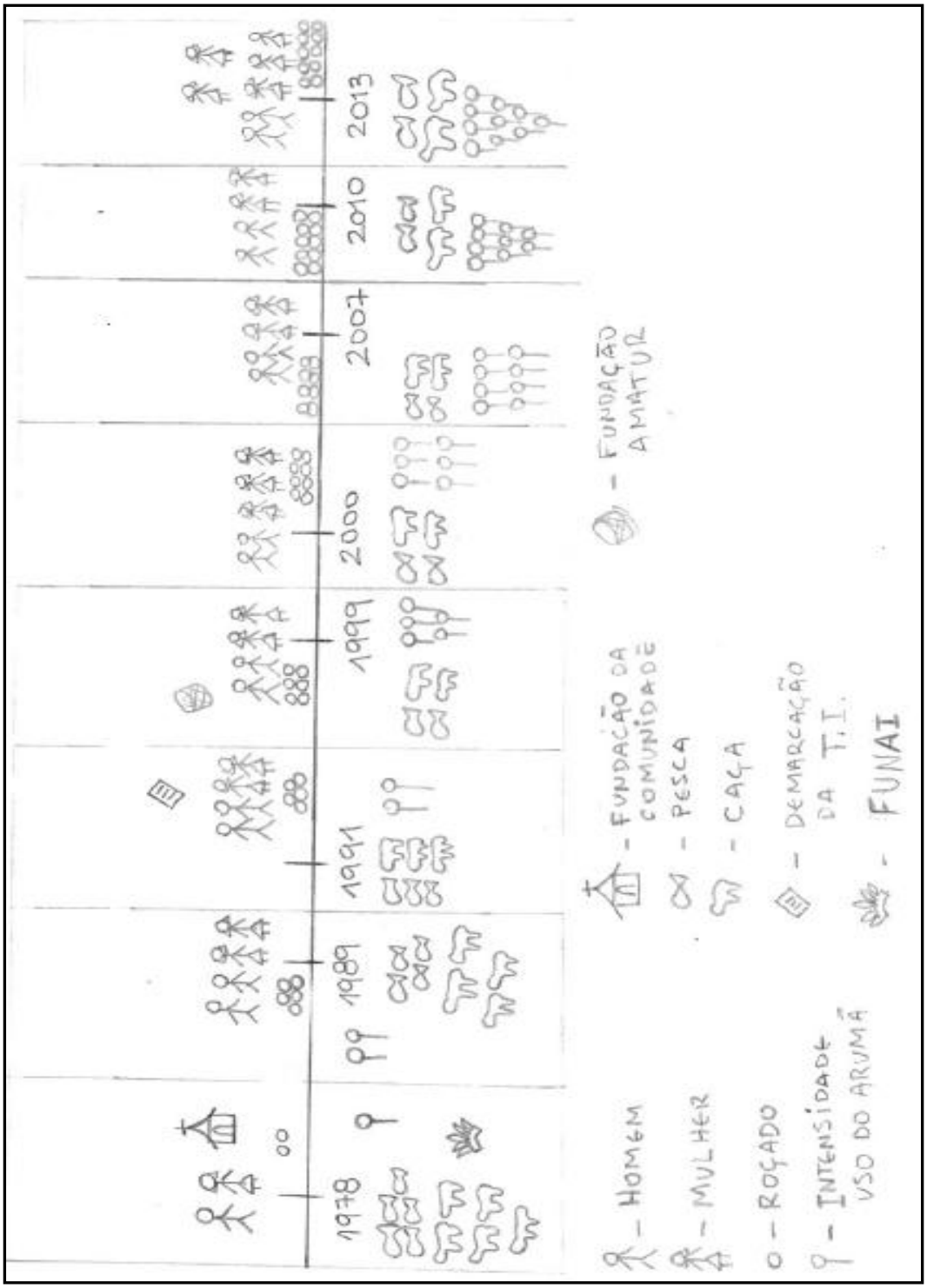

Figura 14 - Linha do Tempo da comunidade Indígena Bom Caminho
Fonte - Artesãos da AMATÜ, adaptado por Rubens Falcão

O trabalho na agricultura era desenvolvido de forma coletiva com as outras comunidades vizinhas, Filadélfia e Porto Cordeirinho através do ajuri ou mutirão, onde homens e mulheres se juntavam para abrir os roçados e fazer suas plantações, não havia

divisão do trabalho, quando era para roçar todos roçavam, quando era para derrubar todos ajudavam e se fosse para queimar e coivarar todos participavam. Hoje não é mais assim, os multirões ainda acontecem, mas somente entre as famílias da própria comunidade.

Na comunidade não havia escola, havia somente um professor que trabalhava de forma voluntária com apenas seis alunos e como não havia escola as aulas eram ministradas debaixo de árvores ou na casa do próprio professor.

A FUNAI na época tinha pouca atuação, mas já marcava presença com alguns agentes que faziam visitação na comunidade. No ano de 1989 as famílias começaram a chegar e de sete passou a 13 famílias. Com isso, houve a necessidade de abrir novos roçados para fazer as plantações das famílias recém-chegadas e por consequência a utilização do arumã para confeccionar os objetos para uso domésticos e a agricultura também aumentou. A pesca e a caça continuavam se destacando entre as atividades desenvolvidas pelos comunitários.

Nesse ano foi construído o primeiro prédio da escola de Bom Caminho, em madeira. A abertura da estrada que liga a cidade de Benjamin Constant à Comunidade se deu neste ano e, juntamente com a estrada e o asfalto, chegou à energia. A energia trouxe facilidades e, segundo os comunitários, melhorias de vida, pois eles puderam comprar eletrodomésticos como televisão, geladeira e freezer para guardar o pescado e a caça e dessa forma não tendo a necessidade de ir em busca do alimento todos os dias.

Com a demarcação da Terra Indígena Santo Antônio em 1991, os comunitários sentiram-se mais seguros para fazer suas plantações, pois assim, não corriam mais o risco de perder suas terras e suas plantações e o número de roçados só iam aumentando. O trabalho com arumã continuava existindo, mas de forma isolada, cada artesã confeccionava seus cestos e comercializavam em pequena escala, vendiam nas cidades de Benjamin Constant, Tabatinga e Letícia (Colômbia), muitas vezes não conseguiam vender e os cestos eram trocadas por roupas, produtos alimentícios ou utensílios domésticos.

A comunidade por acreditar na potencialidade do artesanato produzido por suas artesãs criou a AMATÜ em cinco de dezembro de 1999, com vinte e um associados e com a finalidade de defender as atividades econômicas e sociais, principalmente a produção do artesanato tradicional, com o intuito de incrementar a renda das famílias, valorizando e divulgando a cultura ticuna, como também elaborando projetos com ajuda de parcerias para desenvolver economicamente e socialmente a comunidade. A partir de então, a associação começou a organizar a produção e a comercialização do artesanato.

No ano 2.000, começaram a aparecer as parceirias com a SEIND, PRONAGER, SEBRAE, FUNAI, Diocese do Alto Solimões e Prefeitura de Benjamin Constant, trazendo

cursos de aperfeiçoamento para as artesãs aumentarem a qualidade de seus produtos, apoiando com os materiais necessários para a realização dos cursos, com a construção do Centro de Artesanato *Torü Cuagüpata* e colaborando na comercialização da produção, além de receberem após os cursos algumas ferramentas de trabalho.

A partir de então, a produção das cestarias com as fibras do arumã aumentou e valorizou, pois vieram as encomendas e as artesãs tiveram que trabalhar com mais frequência para cumprir os contratos. Os cursos contavam com a presença das pessoas mais jovens e das mais idosas. Antes da criação da AMATÜ, as mães se esforçavam em repassar o conhecimento tradicional em relação à tessitura do arumã para suas filhas, mas nem todas se interessavam em aprender, mas depois que perceberam que a confecção dos cestos fabricados com as fibras do arumã estava incrementando a renda das famílias e melhorando a qualidade de vida das artesãs, as mais jovens começaram a se interessar em aprender, resgatando assim o conhecimento tradicional da tessitura do arumã que já estava quase extinto, pois só as mais velhas tinham esse conhecimento e trabalhavam com as cestarias de arumã.

Nos anos seguintes, as vendas das cestarias só aumentaram, os produtos foram tendo maior aceitação no mercado e as artesãs começaram a participar das feiras na capital Manaus.

Em 2007 as parceirias aumentaram sendo incorporado nesse apoio a Universidade Federal do Amazonas - UFAM, onde as artesãs são convidadas a expor e vender seus produtos nos eventos científicos e culturais oferecido pela instituição. A comunidade também pode contar neste ano com a colaboração do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal do Estado do Amazonas - IDAM colaborando com materiais agrícolas.

Com o passar dos anos o número de famílias na comunidade foi aumentando e juntamente com elas a produção agrícola. Com o aumento da produção das cestarias de arumã, essa matéria prima veio a sofrer grande pressão, desaparecendo das proximidades da comunidade. Outro fator que contribuiu para o desaparecimento do arumã das proximidades da comunidade foi o aumento dos roçados, pois os agricultores que não trabalham com o arumã, não se preocupam em preservar, então desmatam, tocam fogo e assim matam o recurso natural indispensável para confeccionar as cestarias.

A AMATÜ pode contar com mais uma parceria, em 2010 ganhou o apoio da ISCOS, que desenvolve trabalhos sociais com as comunidades ribeirinhas pertencentes à cidade de Benjamin Constant. Segundo os artesãos com 100% de aproveitamento, pois ela vem colaborando com vários cursos, ferramentas de trabalho e, juntamente com a Diocese do Alto Solimões, reconstruíram o Centro de Artesanato *Torü Cuagüpata*, equipando-o com

extintores de incêndios, ventiladores, caixa de primeiro socorros e ajudando na divulgação e comercialização dos produtos fabricados pela AMATÜ.

As atividades de pesca e caça vem diminuindo gradativamente, mas principalmente a caça, pois com o aumento dos roçados houve um desmatamento acelerado fazendo com que os animais se afastassem cada vez mais das proximidades da comunidade. A atividade de pesca continua praticamente todos os dias um membro da família sai em direção ao rio ou lago para pescar, pois o peixe é a principal fonte de alimento da comunidade, pescam mais frequentemente para consumo das famílias, de vez enquanto pescam para comercializar.

Os anos se passaram e a AMATÜ conta com cento e vinte associados, sendo noventa mulheres e trinta homens, todos produzindo um artesanato de alta qualidade e reconhecido nacionalmente. Mas enfrentam um grande problema, a distância dos arumanzais. Com o aumento da produção do artesanato fabricado com as fibras do arumã e com a abertura de vários roçados esse recurso natural sofreu grande pressão e desapareceu das proximidades da comunidade, sendo encontrado apenas a vários quilômetros da comunidade e isso prejudica o trabalho das artesãs, pois se ele fosse encontrado nas proximidades da comunidade facilitaria o trabalho das mulheres artesãs de Bom Caminho.

OFICINA III: Calendário Sazonal

Para identificar como as artesãs da comunidade Bom Caminho planejam o uso do recurso natural (arumã) ao longo do ano trabalhamos com a ferramenta participativa conhecida como Calendário Sazonal. Durante a construção deste calendário também foi possível obter informações sobre a variação, durante o ano, de fenômenos ambientais, tais como, chuvas e enchentes; sobre a utilização de recursos naturais, como caça, pesca e extrativismo vegetal; sobre períodos de cultivos - plantio e colheita -; de eventos culturais, como festas populares e cerimônias religiosas, e de outros aspectos ligados ao sistema de vida local.

A construção do calendário se deu de forma dinâmica e participativa. Primeiramente foi exposto o objetivo de se construir o calendário e como seria desenvolvida essa atividade.

Logo após se deu uma animada conversa entre a facilitadora e entre os artesãos com o intuito de fazer um levantamento das atividades desenvolvidas na comunidade, principalmente das atividades relacionadas com o arumã. Participaram desta oficina vinte e um artesãos. Foram utilizados os seguintes materiais: papel madeira, pincel atômico, cartolina, fita gomada, pedrinhas e tampa de pet.

Antes de iniciar a construção do calendário, os artesãos tiveram uma longa conversar na língua materna e durante a construção do calendário eles iam repassando as informações em português.

Figura 15 – Diálogo entre artesãos
Fonte - Rafaela Falcão

Como no início de todas as oficinas os participantes ficavam um pouco envergonhados, mas quando iniciavam ficavam empolgados, só precisava que alguém começasse aí os outros continuavam. O calendário foi desenhado na forma de uma tabela, com os meses escritos na primeira linha e as atividades listadas na primeira coluna. Os participantes decidiram quais símbolos (objetos) seriam utilizados para representar cada atividade desenvolvida por eles.

Figura 16 – Construção do Calendário Sazonal de Bom Caminho.
Fonte - Rafaela Falcão

Durante a construção do calendário os relatores estavam atentos às falas e ações dos participantes para não perderem nenhuma informação importante.

Figura 17 - Relator da oficina Calendário Sazonal.
Fonte - Rafaela Falcão

Durante a construção do calendário e de todo processo de construção, as informações sobre as atividades desenvolvidas na comunidade eram discutidas entre os artesãos, procurando sempre apontar os problemas identificados assim como as oportunidades que poderiam surgir.

Figura 18- Interação entre artesãos
Fonte - Rafaela Falcão

As atividades desenvolvidas pela comunidade são: agricultura, pesca, caça e o extrativismo. Mas as que mais se destacam como fonte de geração de renda é a agricultura e o

extrativismo vegetal. Segundo os artesãos durante um ano existem duas etapas, a da cheia e a da seca. Sendo que as duas etapas com suas vantagens e desvantagens.

A agricultura é uma atividade milenar desenvolvida pela população indígena, aqui na comunidade essa atividade é feita tanto pelos homens quanto pelas mulheres. As mulheres, além de trabalhar com os artesanatos, ainda ajudam seus maridos na roça. Como diz o senhor Pedro Ferreira "*fazemos muitos multirão para fazer as roça e plantar a mandioca para fazer farinha, quase todos os dias vamos a roça e nossa mulher vai com nós ajudar a capinar e cuidar, no meio da macaxeira plantamos outros produtos como cana, milho, melancia, banana, abacaxi, ingá, manga, açaí e outra*". A produção dos comunitários serve para consumo e para venda, eles vendem na própria comunidade ou nas cidades mais próximas como Benjamin Constant e Tabatinga.

Figura 19- Construção do Calendário Sazonal
Fonte - Rafaela Falcão

A produção de artesanato é a principal fonte de renda na comunidade. Os artesãos coletam sementes, madeiras, tucum, cipós, corantes. Mas a principal matéria prima coletada é o arumã (*Iscinosiphon spp*). Utilizado na confecção de cestarias. As cestaria são produzidas com a fibra do arumã e é o produto mais comercializado entre os artesanatos confeccionados pela AMATÜ.

Os meses de maior coleta e produção das cestarias é entre os meses de março e junho, período da cheia. Nestes meses a intensidade das viagens em direção ao arumanzal aumenta, sendo três vezes ao mês e os artesãos coletam de oito a doze feixes de arumã com cinquenta talos em cada feixe.

Entre os meses de julho a janeiro a coleta e a produção são poucas por conta da vazante. Nestes meses eles vão ao arumanzal apenas uma vez a cada mês porque devido à

vazante o acesso fica difícil como também fica muito distante para ir caminhando e devido à distância eles só coletam a cada ida ao arumanzal um feixe de arumã com cinquenta talos, como afirma a dona Darcy, "*nestes meses nós produzimos pouco porque fica bastante longe para poder retirar a matéria prima, mas alguns de nossos maridos e filhos vão buscar para fazer o nosso trabalho*". No mês de fevereiro a coleta e a produção é regular, pois o rio já começa a encher e a produção e a renda das artesãs começam a melhorar.

A comunidade também depende muito da pesca e da caça, mas principalmente da pesca, pois devido ao grande desmatamento ocorrido na comunidade os animais desapareceram, como diz o senhor Pedro, "*quase a gente não pratica a caça, porque agora aumentou a nossa gente e a área é pequena, mas temos animal ainda, paca, tatu, cutia, cutiara, rato branco, mucura, porco do mato, viado, jabuti, macaco mais são poucos*".

A pesca é desenvolvida com mais intensidade, pois faz parte da base alimentar da comunidade. Até crianças e mulheres vão ao rio e aos lagos pescar. Às vezes vão só outras vezes com seus maridos, mas pescam principalmente no rio. Seu Bernardo diz "*alguns dos comunitários tem carteirinha de pescador, pescamos mais no rio, de vez enquando no lago porque não temos lago em nossa reserva, na nossa área demarcada pela FUNAI*". Segundo os artesãos nas duas épocas do ano, cheia e vazante, dá peixe, como disse o senhor Pedro, "*para nós, nas duas época dá peixe, na seca e na cheia, nós pescamos quase todo os dias quando sentimos fome*".

Após a construção, o calendário foi desenhado numa folha de papel e fotografado como forma de documentar o trabalho.

Os participantes da oficina construíram o calendário relatando a intensidade das principais atividades desenvolvidas por eles e como elas estão distribuídas ao longo do ano.

A produção de cestarias confeccionadas pelas fibras do arumã foi à primeira atividade a ser inserida pelos informantes no calendário: os artesãos relataram que a coleta do arumã é feita durante o ano todo, tanto na terra firme como na várzea. Mas o período em que é coletado com maior intensidade é entre os meses de março a junho, período em que ocorre a cheia. Uma das vantagens da cheia é o fácil acesso aos arumanzais que ficam nas proximidades dos igarapés Crajarí e Simondia. Esses igarapés ficam muito distantes e fora das propriedades da comunidade e para chegar a esses arumanzais os artesãos utilizam como transporte canoa e motor de popa chamado por eles de peque-peque e gastam em média uma hora e meia a duas horas para chegar ao arumanzal. Nessa época, a produção aumenta e as vendas também, pois segundo os artesãos tudo que é produzido é vendido.

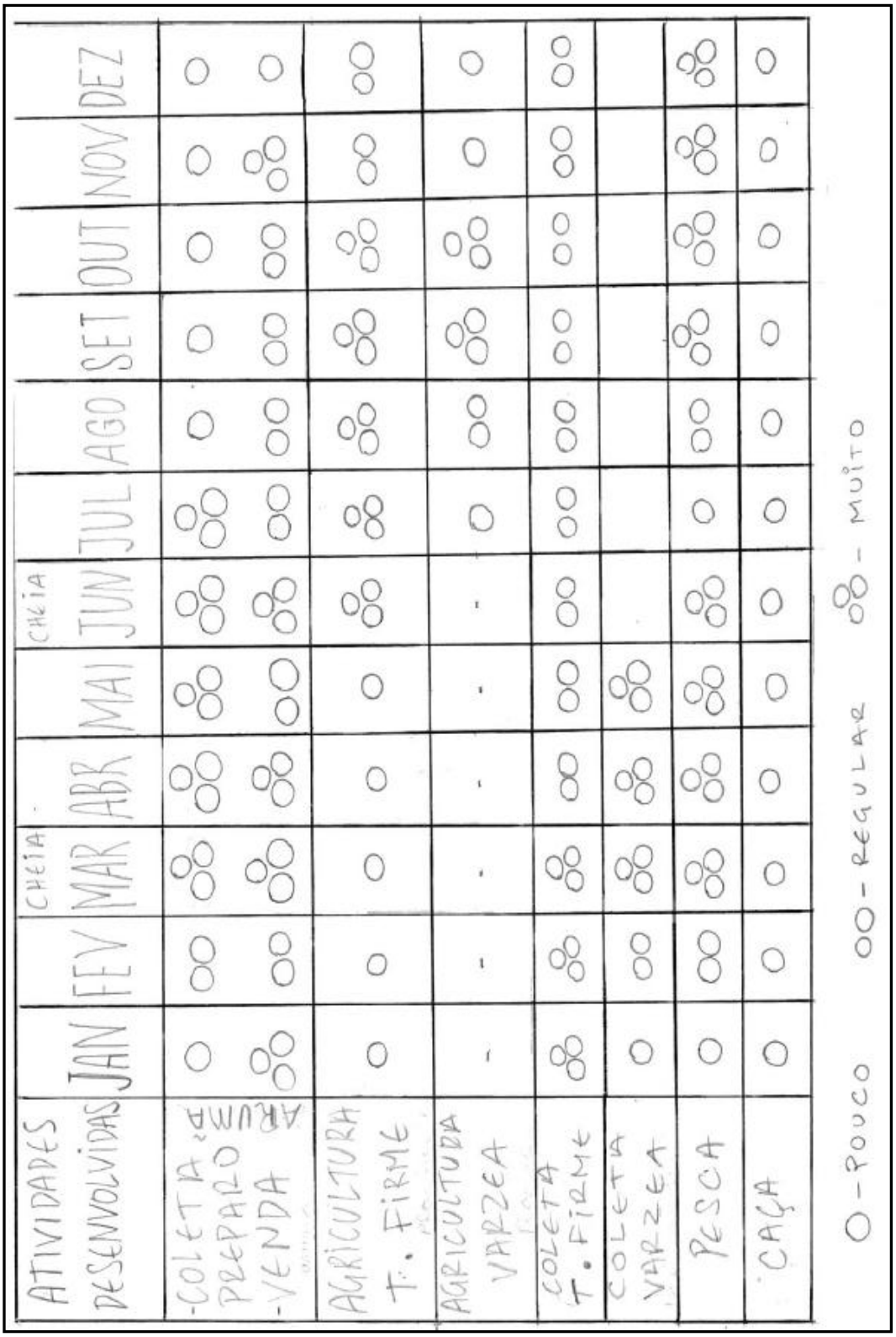

Figura 20 - Calendário Sazonal da comunidade Indígena Bom Caminho
Fonte - Artesãos da AMATÜ, adaptado por Rubens Falcão

Durante a construção do calendário, antes de colocar qualquer informação no quadro, os participantes discutiam entre si na língua materna e posteriormente repassavam as

informações em português para que todos pudessem compreender a situação exposta naquele momento. A tradução também foi feita pelos colaboradores da pesquisa, dois alunos do curso de geografia da Universidade do Estado do Amazonas que são da etnia ticuna.

Durante a cheia a intensidade das viagens aumentam, sendo de três a quatro vezes ao mês e cada artesão coleta por viagem de seis a oito feixes de arumã com cinquenta talos. Essa quantidade de feixes coletados depende também da quantidade de pessoas que vão por canoa e também do tamanho da canoa. Entre os meses de agosto a janeiro as viagens diminuem por consequência da seca. Nesta época os artesãos fazem apenas uma coleta ao mês e colhem apenas um feixe de arumã por coletor, pois a distância é longa e o meio utilizado para transportar o arumã durante a seca são exclusivamente os ombros ou a cabeça dos coletores. Além dos arumanzais próximos aos igarapés Crajari e Simondia, existe outro arumanzal mais próximo da comunidade chamado pelos artesãos de arumanzal do Butiquim ou do centro. Butiquim é um igarapé que corta a comunidade Bom Caminho e segue até a comunidade vizinha Filadélfia, em algumas partes do igarapé ainda podem ser encontradas várias touceiras de arumã. O arumanzal do Butiquim ou do centro vem sofrendo maior pressão por parte dos coletores, pois ele pode ser acessado a qualquer momento tanto na cheia quanto na vazante, seu acesso só é possível através de caminhada. Nesta área, os coletores fazem de uma a duas viagem ao mês e o artesão coleta apenas um feixe de arumã com cinquenta talos por viagem, pois a viagem é longa, o arumã é pesado e o artesão faz algumas paradas para descansar durante o trajeto de volta. Neste período como a coleta diminui, a produção também diminui e consequentemente a venda.

Nos meses de janeiro e abril as vendas são melhores, pois há as realizações das feiras do artesanato nas cidades de Benjamin Constant e Tabatinga. Nos meses de junho a novembro a produção aumenta, pois as artesãs são convidadas para vender na cidade de Manaus, nas feiras de artesanatos realizadas nessa cidade. Nos meses de fevereiro, agosto, setembro e outubro as vendas são consideradas razoáveis, nesse período as artesãs vão vender os artesanatos nos eventos científicos realizados tanto na Universidade Federal do Amazonas-UFAM na cidade de Benjamin Constante e na Universidade do Estado do Amazonas UEA em Tabatinga, como também vendem para os turistas que visitam a comunidade. A venda aumenta no período do Festival Folclórico de Benjamim Constant, nesse período há muita encomenda por parte dos responsáveis do festival.

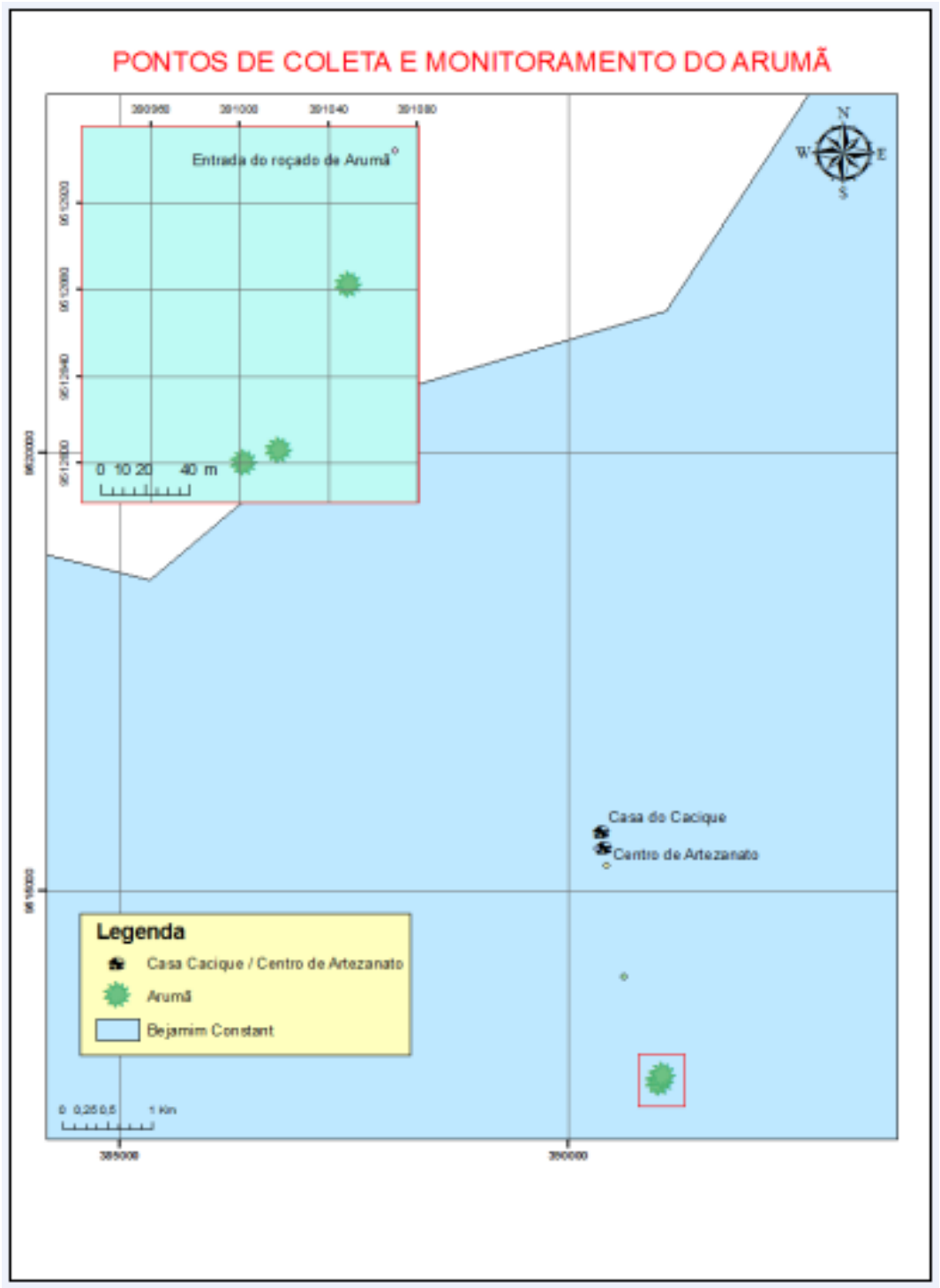

Figura 21 – Arumanzal do Butiquim
Fonte – IBGE, 2010. Adaptado por ANDRADE, R.I.L.

Os participantes das oficinas além de coletores e artesãos, também são agricultores e pescadores.

A agricultura é praticada tanto na terra firme quanto na terra de várzea. Segundo eles, as plantações na terra firme ocorrem durante o ano inteiro, mas com maior intensidade entre

os meses de junho a outubro, devido ao verão. Nos meses de novembro e dezembro a abertura de roçado é regular, pois de vez enquanto chove e não dá para fazer a coivara e queimar o mato. Já entre os meses de janeiro a maio chove bastante, já é inverno e a abertura de roçados é muito pouco.

Figura 22- Abertura de roçados e coivara
Fonte - Rafaela Falcão

Para abrir um roçado na comunidade eles fazem de duas maneiras: por mutirão ou individualmente, ou seja, por família. Mas na maioria das vezes é feito individualmente, porque julgam que as outras pessoas limpam de qualquer jeito que não lhes agrada, preferem limpar sozinhos que limpam da sua maneira. Mas, ainda existem na comunidade muitas famílias que trabalham em forma de mutirão. Para fazer a roça, primeiramente o agricultor deve roçar a área, em seguida derrubar as árvores maiores, queimar, encoivara e depois do local já está bem limpo ele irá plantar e cuidar (capinar) para que o plantio se desenvolva da melhor forma possível.

Nos roçados de Terra firme é plantado mandioca, macaxeira, abacaxi, banana, cará, batata, ingá, abiu, mapati, açaí, buriti, manga, etc, todos plantados num mesmo roçado. A produção na terra firme é colhida durante o ano inteiro, mas com maior frequência nos meses de janeiro a março, que são os meses em que a mandioca ou a macaxeira já estão prontas para ser colhidas e fazer a farinha, elas levam de seis a oito meses para ficar maduras.

Na várzea as plantações ocorrem entre os meses de julho a dezembro, mas com maior intensidade nos meses de setembro e outubro. De janeiro a junho não há plantação na várzea, pois é época da cheia. Na várzea é cultivado mandioca, macaxeira, milho, melancia, feijão, tomate, pimentão, maxixe, melão, cheiro-verde, banana, cana, etc.

A colheita da produção da várzea é feita entre os meses de janeiro a maio, mas atinge seu auge nos meses de março, abril e maio, pois é período da cheia e o agricultor precisa ficar atento para não perder a plantação. A produção colhida na várzea e na terra firme serve tanto para consumo quanto para a venda, os agricultores vendem esses produtos, na própria comunidade ou nas cidades mais próximas como Benjamin Constant e Tabatinga.

A pesca é praticada durante o ano inteiro, pois o peixe é a base alimentar da população de Bom Caminho. Ela é praticada quase todos os dias por um dos membros da família. As mulheres também praticam a pesca juntamente com seus maridos e filhos. Alguns artesãos também são sócios na Associação de Pescadores de Benjamin Constant e possuem a carteira de pescador.

Segundo os comunitários, nos meses em que a pesca é feita com maior intensidade são os meses entre março e junho e de setembro a dezembro. Nos meses de março a junho devido à enchente ocorre a piracema, período onde os peixes começam a entrar nos lagos e igarapés à procura de alimentos e de um lugar seguro para desovar. Nessa época, os peixes são encontrados com maior abundância facilitando assim a vida do pescador. E, entre os meses de setembro a dezembro, é a época em que inicia a vazante e os peixes retornam para o rio. Nessa mesma época ocorre o período do DEFESO que se inicia no mês de outubro e vai até o mês de janeiro. Os pescadores mesmo recebendo o auxilio defeso do governo durante quatro meses não param de pescar, pescam não para comercializar, mas sim para manter a alimentação de sua família. O local mais utilizado para pescar é o rio, mas algumas vezes utilizam também os lagos, pois nos lagos também podem ser encontrados uma grande variedade de peixes. Segundo os comunitários nas duas épocas, ou seja, na cheia ou na vazante, existe uma grande quantidade de peixes para suprir a necessidade da comunidade.

A caça é pouco praticada, pois devido à chegada de novas famílias na comunidade o nível de desmatamento vem aumentando gradativamente, pois essas famílias precisam de um local para construir suas casas e abrir um roçado para fazer sua plantação.

Figura 23- Abertura de roçados
Fonte - Rafaela Falcão

Isso vem ocasionando uma grande perda da floresta e dos animais, pois eles procuram outros locais para se refugiarem e vão desaparecendo das proximidades da comunidade. Mas, ainda é possível encontrar alguns animais como, paca, tatu, mucura, cutia, cuatiara, rato do peito branco, porco do mato, veado, anta, mucura, jabuti, macaco. Esses animais são encontrados em pequena quantidade, mas segundo os comunitários ainda são possíveis de ser encontrados.

OFICINA IV: Matriz FOFA (Fortaleza, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças)

A matriz FOFA foi construída de forma participativa e teve com principal objetivo identificar as oportunidades e desafios referentes ao gerenciamento do recurso natural do qual sobrevivem e descobrir os pontos fortes e fracos do uso do arumã para que possam desenvolver posteriormente uma análise geral da real situação da população natural de arumã e eventualmente, se preciso, juntos, buscar soluções. Participaram desta oficina vinte e uma pessoas. A oficina foi realizada na residência da presidente da AMATÜ a senhora Rosa Chota Dávila. Foram utilizados para realizar a oficina, pincel, papel madeira, fita gomada e cartolina.

Os artesãos desenharam a matriz com quatro colunas no papel madeira, sendo que cada coluna foi usada para identificar respectivamente as fortalezas, as oportunidades, as fraquezas e as ameaças sofridas pelo arumã recurso natural utilizado por eles na confecção das cestarias.

Figura 24 - Início da construção da matriz FOFA da comunidade.
Fonte - Rafaela Falcão

Foi estimulada uma chuva de ideias sobre os pontos fortes e fracos em relação ao arumã. Para a identificação de cada ideia foram utilizados pincéis atômicos e fichas de cartolina, onde os artesãos escreveram suas ideias. Após a chuva de ideais e das fichas preenchidas os artesãos montaram a Matriz e em sequencia houve discussão sobre os dados obtidos.

A análise FOFA auxilia as pessoas a sistematizarem suas opiniões sobre o que está indo bem - fortalezas e oportunidades - e o que está indo mal - fraquezas e ameaças. (DRUMOND, 2009). Dessa forma, há uma identificação mais precisa sobre às oportunidades e desafios referentes ao gerenciamento desse importante recurso natural que utilizam para confeccionar as cestarias.

Para facilitar a condução da atividade, a moderadora dirigiu algumas perguntas orientadoras em relação ao tema tratado e em relação às ideias expostas nas fichas. Perguntamos aos artesãos o que e como fazer para aumentar as fortalezas e assim garantir os resultados pretendidos? As fraquezas podem ser eliminadas? Como? O que podemos fazer para evitar as ameaças? O que poderá ser feito para viabilizar as oportunidades? Conforme as análises das ideias as fichas iam preenchendo as colunas da matriz.

Figura 25 - Organização das ideias na matriz FOFA.
Fonte - Rafaela Falcão

Nesta atividade, o que mais importou foi descobrir os pontos fortes e fracos a respeito do uso da fibra do arumã na comunidade indígena Bom Caminho e posteriormente fazer uma análise geral da real situação da população de arumã e buscar soluções se for preciso. Desta forma, todos puderam expor seu ponto de vista em relação à busca de soluções para o planejamento do uso desse recurso natural pela comunidade com o estabelecimento de regras e estratégias a partir de um planejamento de ações. Após a construção da matriz FOFA ela foi copiada para um papel e fotografada como forma de documentar as informações.

Figura 26 - Matriz FOFA da comunidade indígena Bom Caminho
Fonte - Artesãos da AMATÜ, adaptado por Rubens Dácio Falcão.

Durante a construção da matriz FOFA os artesãos identificaram os pontos positivos e os negativos em relação à utilização das fibras do arumã. Como **fortaleza** eles identificaram

primeiramente a fonte de renda. A produção das cestarias já vinha sendo confeccionadas há muitos anos atrás, mas de forma isolada, cada artesã tecia em sua residência e saia pra vender nas cidades mais próximas da comunidade. Com a criação da AMATÜ as artesãs começaram a se organizar e como consequência o aumento da produção. Dessa forma, a matéria prima (arumã) foi sendo cada vez mais valorizada e o artesanato produzido pelos associados da AMATÜ foi ganhando um maior espaço no mercado.

A partir de então, construíram o Centro de Artesanato Torü Cuaagüpata com a finalidade de organizar a produção e comercialização do artesanato que é considerado um ponto forte de geração de renda na comunidade. Desde a criação da AMATÜ as mulheres começaram a trabalhar mais unidas, pois com a valorização do artesanato as encomendas começaram a chegar e as artesãs precisavam se unir e trabalhar mais para cumprir o compromisso com os compradores e atender suas expectativas.

Com a valorização da produção das cestarias das fibras de arumã, houve também a valorização do conhecimento tradicional, pois quem não tinha interesse em aprender a trabalhar com a cestaria, passou a ter, pois viam que a atividade artesanal estava melhorando a qualidade de vida das artesãs envolvidas. Dessa forma, valorizando o conhecimento tradicional que até então só quem conhecia eram as mulheres mais velhas da comunidade, e assim as mulheres mais jovens começaram a se interessar e aprender a tecer com suas mães ou nos cursos oferecidos pelos parceiros da AMATÜ.

Dessa forma, o recurso natural arumã foi mais valorizado e os artesãs tiveram uma maior preocupação em preserva-lo. Entenderam que se eles não coletarem com responsabilidade ele vai desaparece e prejudicar a produção e consequentemente afetar sua qualidade de vida.

Como **oportunidade** foi identificado a comercialização dos artesanatos fabricados pela AMATÜ principalmente as cestarias de arumã. Com a comercialização os produtos foram cada vez mais divulgados e conhecidos na região, com isso as pessoas foram tendo curiosidade em conhecer de onde vinham aquelas peças artesanais e passaram a visitar a comunidade, os turistas chegam compram o artesanato e divulgam uns para os outros. E com as visitas dos turistas as vendas aumentam, eles compram e divulgam e a comunidade e os artesanatos mais conhecidos, nos arredores e até fora do Brasil.

A participação em feiras de artesanato também é uma grande oportunidade de vendas e divulgação dos artesanatos produzidos pela AMATÜ, nessas exposições as artesãs tem a oportunidade de trocar experiências com as artesãs de outras comunidades e assim fortificar ainda mais suas experiências e seu conhecimento. As exposições feitas nos eventos científicos

e culturais oferecidos pelas instituições de ensino como a Universidade Federal do Amazonas-UFAM e a Universidade Estadual do Amazonas-UEA é uma grande oportunidade de divulgar e vender os produtos confeccionados pela AMATÜ.

Como **fraqueza** os artesãos identificaram que os arumanzais estão cada vez mais distantes da comunidade e isso dificulta o trabalho, porque gastam muito tempo para ir coletar o arumã prejudicando o trabalho, pois o tempo gasto para coletar o arumã poderia ser utilizado para fazer outras atividades como raspar, pintar ou tecer as fibras. Observaram também que as populações naturais de arumã estão diminuindo e cada vez mais escasso na comunidade, hoje sendo encontrado com maior abundancia somente fora das propriedades da comunidade. A vazante também tem seus pontos negativos em relação à produção dos artesanatos, pois a maioria dos arumanzais ficam bem distante da comunidade e só é possível chegar de canoa e quando chega a vazante fica impossível de coletar arumã nesses locais. Segundo os artesãos a cheia também tem seus pontos negativos e é considerada como uma fraqueza, pois quando vem à cheia ela mata as touceiras de arumã que ficam na várzea, fazendo com que os arumãs desapareçam com mais facilidade.

Nas capoeiras podem ser encontradas touceiras de arumã, mas os artesãos não costumam utiliza-los, pois alegam que os arumãs da capoeira não se desenvolvem, não crescem e nem engrossam, ficam com as folhas amareladas e não servem para fazer cestos grandes, só servem para fazer cestos pequenos e isso não interessam muito a eles. Dizem que na capoeira não se desenvolvem porque não tem sombra, pois o arumã gosta de sombra e charco para se desenvolver com mais facilidade. Na capoeira não tem árvores grandes para dar sombra, o sol bate diretamente no arumã prejudicando assim seu desenvolvimento. A falta de compradores locais e a falta de apoio nas viagens para as feiras também foram citadas como fraquezas em relação à produção das cestarias de arumã.

As grandes **ameaças** às populações naturais de arumã vividas na comunidade são as aberturas de roçados através dos mutirões e as queimadas que vem aumentam a cada dia para fazer as plantações de mandioca e macaxeira para fazer a farinha, pois os comunitários que não trabalham com essa matéria prima não se preocupam com o seu desaparecimento e na hora de abrir os roçados cortam e queimam as touceiras de arumã. O uso irracional e a falta de aproveitamento também são ameaças sofridas pelas populações naturais de arumã, pois muitas vezes os talos não são bem aproveitados e dessa forma sofrendo um desperdício de matéria prima, como também os coletores que não são artesãos não tem nenhum cuidado na hora de coletar e prejudicam assim sua a reprodução.

Portanto, os artesãos puderam fazer uma análise do que está indo bem e do que está indo mal em relação ao processo de utilização do recurso natural e proporam soluções para minimizar as fraquezas e as ameaças.

Eles reconhecem que precisam trabalhar juntos, valorizar os conhecimentos tradicionais e os recursos naturais do qual estão sobrevivendo e confeccionar produtos cada vez com mais qualidade para que assim possam continuar usufruindo dos benefícios que o arumã está lhes proporcionando, aproveitando as oportunidades que chegam à comunidade pelo reconhecimento de seus artesanatos. Somente assim poderão eliminar as fraquezas e evitar as ameaças que estão contribuindo para que o arumã matéria essencial na produção da cestaria desapareça e prejudique a geração de renda das famílias de artesãos da comunidade.

4.3 Coleta, Processamento e Tecitura do Arumã

Durante a pesquisa foram realizadas diversas idas a campo. Nessas saídas pudemos acompanhar os artesãos desde o primeiro momento da saída de suas residências para o arumanzal até o processamento final que é a confecção das cestarias com a fibra do arumã.

Primeiramente é importante notar que há dois tipos de coletores de arumã: aqueles que coletam e tecem, os coletores-artesãos, e aqueles que apenas coletam e vendem o material da coleta aos artesãos.

4.3.1 *Tipos de arumã encontrados na área de pesquisa*

De acordo com os coletores-artesãos são encontrados na comunidade e nas proximidades dela quatro tipos de arumã: o arumã verdadeiro, o arumã falso, o arumã perna-de-jacamim do fino e o arumã perna-de-jacamim do grosso, todos possíveis de ser encontrados tanto na terra firme quanto na terra de várzea.

4.3.2 *Caracterização do arumã segundo coletores e artesãos de Bom Caminho*

O arumã verdadeiro é caracterizado por ser composto de uma única haste, sem a presença de nós intermediários, têm as folhas arredondadas em um tom de verde mais escuro. É menos abundante na comunidade, sua haste é fina e seu tempo de crescimento é mais lento, sendo em média de oito a doze meses para ficar maduro, é encontrado somente na terra firme. Ele é muito resistente e flexível, possuindo uma grande facilidade na hora de tecer, não

quebra fácil e pode ser tecido a qualquer hora do dia. As cestarias feitas com ele são mais duráveis e resistentes. Com ele são confeccionados objetos como baú, abajur, fruteira, etc, objetos para serem utilizados no dia-a-dia para o conforto doméstico, como também objetos utilizados na roça e no transporte dos produtos do roçado e na produção da farinha como tipiti, pacará, peneira, aturá e paneiro. O arumã verdadeiro é mais difícil de ser encontrado na comunidade.

O arumã falso também é caracterizado por ser composto de uma única haste, sem a presença de nós intermediários. Tem as folhas compridas em um tom de verde mais claro. Ele é mais abundante na comunidade, sendo utilizado com mais frequência pelos artesãos. Ele é mais seco e menos flexível, sem condições de ser tecido a qualquer hora do dia. A melhor hora de tecê-lo é pela manhã ou pela noite, uma vez que ele precisa de uma temperatura mais baixa para ser tecido e não quebrar, se ele for tecido em temperatura alta ele pode quebrar podendo ferir as mãos da artesã e desperdiçar seu trabalho como também a matéria prima.

Ele é mais grosso e quando destalado pode até chegar a 10 fasquias (cada tira em que o arumã é seccionado) e com ele são confeccionados pacarás simples, abajur, pacará barrigudo, esteira, luminária, fruteira e baú. É encontrado na terra firme e na várzea e leva de seis a oito meses para ficar maduro.

Os arumãs de nó são caracterizados por terem diversos nós ao longo de sua haste, não morrem com a cheia e se desenvolvem bem tanto na terra-firme quanto na várzea. Tem de dois tipos: o arumã de nó fino e o arumã de nó grosso. O arumã de nó e fino tem a haste bem mais fina e é bem mais maleável que o segundo. Entretanto, ambos servem somente para fazer pequenos cestos, pois em consequências dos nós, seus talos são cortados em pequenos pedaços e destalados em fasquias curtas, devido à distância entre os nós que não chega a 01m. Esse tipo de arumã é pouco utilizado pelos artesãos da comunidade. Ambos são popularmente chamados pelos participantes da pesquisa de arumã *Perna-de-Jacamim*, por ser longo e cheio de nós.

Os tipos de arumã, estudados aqui, se apresentam sob a forma de touceira, como chamam os artesãos e cada touceira é composta por vários talos ou haste (que são os caules aéreos) em diferentes estágios de desenvolvimento e são classificados pelos artesãos como: broto, verde (jovem) e maduro (pronto para a coleta). Com base nesta caracterização e a verificação em campo, adotamos a seguinte categorização para touceiras e talos de arumã:

Touceira: formação de vários talos com distância entre si (talos) no solo igual ou menor que 20cm.

Broto: talo novo sem ramificação foliar na extremidade e com altura máxima igual a 1,0 m.
Verde (jovem): talo novo com altura superior a 1,0 m e que ainda não está pronto paras ser colhido.
Maduro: talo com ramificação foliar na extremidade, com altura superior a 2,0 m e com Diâmetro Altura da Base - DAB (20 cm do solo) maior a 1,5 cm e pronto para ser colhido.

4.3.3 Coleta

Os artesãos acordam muito cedo, tomam o café e, nas primeiras horas de sol, saem em direção ao arumanzal. Foram acompanhados mulheres e homens, pois na maioria das vezes as mulheres acompanham seus maridos na coleta e outras vezes as mulheres se reúnem e vão ao arumanzal sem a presença de seus maridos. A coleta de arumã ocorre tanto no período da cheia quanto no período da vazante, mas no período da vazante a coleta é muito menor.

4.3.3.1 Coleta no período da cheia

No período da cheia, entre os meses de março a junho, a extração de arumã aumenta, pois é quando os igarapés estão cheios e é possível chegar aos arumanzais de canoa. A canoa é utilizada para fazer o transporte do arumã e dos coletores até os arumanzais, pois eles se encontram muito distantes da comunidade. Os coletores-artesãos utilizam canoas e motor de popa de baixa potência chamado popularmente na região de peque-peque, gastando entre uma hora e meia a duas horas para chegar aos arumanzais.

Figura 27- Transporte do arumã.
Fonte - Franckson Felix

Quando chegam às áreas de ocorrência dos arumãs eles vão abrindo caminho à terçadadas para encontrar as touceiras de arumã. Com as touceiras identificadas os artesãos

iniciam a extração dos talos. Eles utilizam um facão bem afiado para fazer o corte dos talos e a coleta. Durante a coleta eles observam e fazem a seleção dos talos e cortam somente os talos que consideram maduros, os talos considerados verdes são deixam para coletar numa próxima viagem. Se todos os talos de uma touceira forem considerados maduros a touceira inteira é cortada, mas antes da coleta fazem uma observação geral ao redor das touceiras para não cometer erros e cortar os talos verdes.

Os coletores cortam os talos pela parte de baixo e depois retiram a parte de cima, ou seja, os galhos e a folhas e deixam os talos no chão próximo a touceira mãe e vão repetindo esse processo até perceberem que não há mais talos maduros e seguem para a próxima touceira e assim sucessivamente, até julgarem que a quantidade de talos retirados já é o suficiente para confeccionar os objetos desejados e/ou encomendados. Eles cortam os talos a uma distância de 10 cm do solo e só aproveitam as folhas do arumã quando vão fazer farinha. A folha serve para empalhar o paneiro para guardar a farinha, para que ela não resfrie e assim possa ficar por mais tempo sem perder a qualidade. Os talos dos galhos do arumã não são aproveitados, pois são muito pequenos e só poderá servir para confeccionar objetos muito pequenos e para eles isso não é prioridade.

Figura 28 – Coletae corte do arumã em relação ao solo.
Fonte- Marcelo Fernandes

Após o termino dos cortes dos talos nas touceiras, eles voltam recolhendo todos os talos cortados amontoando-os em um só lugar sentam-se e cortam os talos mais uma vez conforme o tamanho do objeto que vai ser confeccionado. Se for um objeto pequeno eles cortam os talos do tamanho ideal do objeto a ser confeccionado, mas se forem confeccionar

um cesto grande o talo do arumã não precisará ser cortado. Logo após, arrumam os talos em feixes e os amarram com uma fibra vegetal chamada envira, retirada de uma árvore chamada popularmente de Envireira, que é encontrada no mesmo local do arumanzal. Amaram para facilitar o transporte.

Figura 29 - Feixes de arumã
Fonte - Dieine Bernardo

Nessa época do ano (cheia) os coletores retiram, em média, por pessoa, de cinco a oito feixes de arumã por viagem, cada feixe com cinquenta talos. Essa média depende também da quantidade de pessoas que vão em cada canoa e do tamanho da canoa. A intensidade das viagens ao arumanzal aumenta nesse período do ano, são de três ou mais vezes ao mês dependendo das encomendas feitas as artesãs.

Esse trabalho é árduo, exige muita resistência do coletor, a viagem é cansativa, tem muitos insetos que incomodam, tem que abrir a picada para encontrar as touceiras do arumã, cortar os talos, arrumar em feixes, carregar nos ombros ou na cabeça até chegar à canoa que está à espera a margem do igarapé, enfim, os coletores ainda tem que enfrentar novamente duas horas ou mais de viagem sentados na canoa para voltar para casa e novamente carregar os feixes de arumã até suas residências.

Figura 30- Artesã carregando o arumã até a canoa
Fonte - Dieine Bernardo

Os coletores precisam de um dia inteiro para fazer somente a coleta, porque os maiores arumanzais estão muito distantes e fora das propriedades da comunidade. Esse processo acima descrito ocorre em período da cheia entre os meses de março a junho, onde os coletores adentram os igarapés Crajari e Simondia e para coletar o arumã chegam a percorrer até 6km pois nesses locais ainda é possível encontrar populações de arumã em grande quantidade. São encontrados os quatro tipos de arumãs citados acima, mas o que mais se destaca entre eles é o arumã falso que é o mais utilizado pelos artesãos.

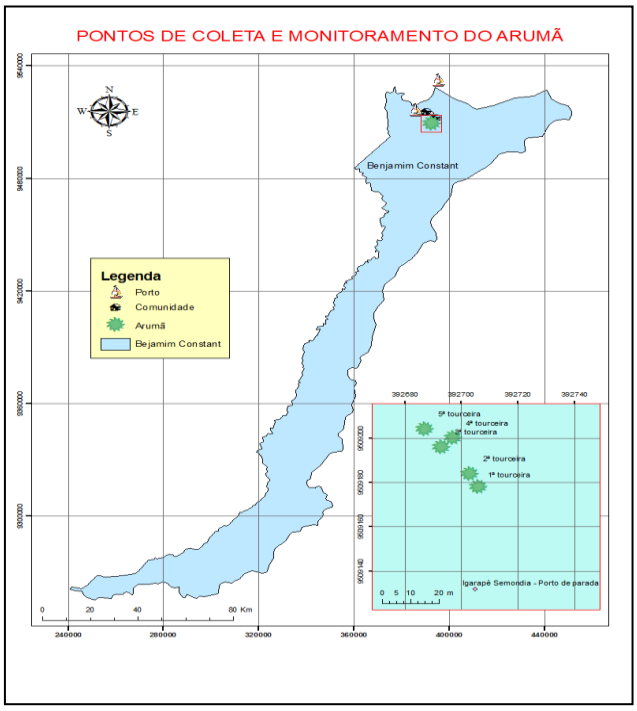

Figura 31 - Arumanzal nas proximidades dos igarapés Crajari e Simondia
Fonte - IBGE (2010), adaptado por ANDRADE, R.I.L

Segundo os artesãos esses são locais livres para coletar, locais que ainda não existem moradores e até o momento não encontraram nenhum tipo de problema em relação à extração do arumã. E, quando a coleta é boa, ou seja, se der tudo certo na viagem, no corte dos talos, e se não houver nenhum imprevisto, como chuva ou um eventual acidente com algum dos coletores, eles aproveitam a viagem para pescar, retirar frutos como açaí, pupunha e outras frutas que encontram no caminho. Muitas vezes eles não levam alimento, pois contam em tirar um tempo entre uma coleta e outra para pescar ou caçar, mas quando vem uma chuva inesperada ou o tempo se fecha eles apressam a coleta e não param até chegar a uma quantidade ideal de talos e retornam com fome para suas residências.

Os coletores só vão ao arumanzal em dias ensolarados, eles não tem um dia planejado na semana ou no mês para fazer a coleta, vão ao arumanzal conforme a necessidade. Quando precisam da fibra do arumã concordam entre si que quando o dia amanhecer ensolarado poderão sair em busca do arumã, mas se o dia amanhecer nublado ou chuvoso eles adiam a ida ao arumanzal até que venha um dia ensolarado, porque em dias chuvosos e nublados se torna muito perigoso adentrar a mata fechada. Os coletores-artesãos relatam que coletam o arumã durante o ano todo, com maior intensidade na cheia.

Uma das vantagens da cheia é o fácil acesso ao arumanzal, a cheia encurta a distância e facilita o transporte dos feixes de arumã. Quando chega a vazante, os arumanzais de várzea e os de terra firme que se localizam nas proximidades dos igarapés Crajari e Simondia, ficam sem acesso, pois as canoas não conseguem subir os igarapés até chegar aos arumanzais, pois, eles ficam muito distante da comunidade, sendo impossível de ir buscar arumã por terra. Então, a coleta de arumã nos arumanzais próximos aos igarapés Crajari e Simondia ocorre com maior intensidade no período da cheia e que, na visão dos artesãos, é um dos motivos pelo qual o arumã é encontrado em abundância nesses locais.

4.3.3.2 Coleta em área de Terra-firme

Atrás da comunidade existe um igarapé chamado Butiquim onde, próximo à sua margem, existem algumas populações naturais de arumã. Lá, muitos artesãos vão em busca do arumã quando preciso. O processo de coleta é semelhante ao descrito acima, pois, na maioria das vezes, são os mesmos coletores.

Nesse local, considerado terra-firme pelos coletores, as touceiras de arumã estão mais distante uma das outras e são menores e menos desenvolvidas do que as que existem nas terras dos igarapés Crajari e Simondia, portanto, há populações de arumã, mas não com a

mesma abundância, porque é um local que pode ser acessado por terra o ano inteiro, então, sofre maior pressão extratora que os outros arumanzais.

Esse local, chamado de arumanzal do Butiquim, fica próximo da mata virgem e o acesso é livre, mas só é possível adentrar nele caminhando. Pelo motivo da distância cerca de 2 km, os artesãos coletam, no máximo, de dois a três feixes de arumã, por viagem, cada feixe com cinquenta talos. Os artesãos se reúnem e vão em busca do arumã, as mulheres quase sempre acompanham seus maridos nesta caminhada e alguns artesãos levam também os filhos para ajudar no transporte dos feixes.

Muitas vezes as esposas e os filhos não podem acompanhar seus pais e maridos na coleta e quando ele está desprovido de dinheiro para contratar alguém para ajudá-lo no transporte dos feixes o artesão faz como pode, carrega um feixe até certo ponto e deixa-o, volta ao arumanzal para buscar o outro feixe, sempre dando uma parada para descansar e assim faz até chegar a sua residência. Segundo eles essa busca ao arumã ocorre no máximo duas vezes ao mês, por ser considerada uma viagem muito cansativa. Para essa área a cheia ou a vazante não influenciam em nada, pois ela pode ser acessada tanto na cheia quanto na vazante. Muitos artesãos que não possuem canoa e motores de popa próprio fazem a coleta do arumã nesta área o ano todo e só vão coletar arumã em outro local quando recebem ajuda dos que tem. Dessa forma, no período da vazante a produção de cestas diminui e a pressão sobre este recurso natural também.

4.3.4 Coletores não-artesãos

Existe também a coleta de arumã que é feita por coletores que não são artesãos. Segundo o relato dos artesãos da AMATÜ, e do acompanhamento da coleta feito por eles, observou-se que esses coletores não tem a menor preocupação em selecionar os talos antes de cortar. Tiram os arumãs maduros e também os verdes e na maioria das vezes tiram as touceiras inteiras, o que importam para eles é que o feixe de arumã seja formado por cinquenta talos e que seja entregue ao cliente. Eles cobram R$ 20,00 por cada feixe de arumã e quanto mais eles retiram maior será o lucro. Acabam com as touceiras de arumã sem se preocupar se ela vai se regenerar ou não. Isso acontece porque eles não trabalham com as fibras e não dependem dela para sobreviver.

4.3.5 Conflito sobre o Recurso Natural

Alguns coletores-artesãos relataram ainda que antigamente existiam grandes arumanzais dentro das propriedades da comunidade, mas depois que as famílias aumentaram, elas precisaram abrir roçados para plantar e alimentar seus filhos e outro motivo foi a criação da AMATÜ, onde as mulheres artesãs começaram a aumentar a produção da cestaria e começaram a coletar o arumã com maior intensidade e, por consequência disso, o arumã foi desaparecendo das proximidades da comunidade. Eles relatam também que alguns anos atrás faziam a coleta em uma comunidade mais próxima, a comunidade ticuna Filadélfia, que também faz parte da Terra Indígena Santo Antônio, mas os comunitários de Filadélfia não concordaram que pessoas de outra comunidade adentrassem suas terras e retirassem o arumã e assim proibiram os ticuna de Bom Caminho a coletarem o arumã. Os artesãos de Bom Caminho alegam que ainda existe grande quantidade de arumã em Filadélfia porque eles não trabalham com essa matéria-prima.

4.3.6 PROCESSAMENTO DO ARUMÃ

Os artesãos utilizam um dia para fazer a coleta e o transporte do arumã até suas residências. E, para confeccionar os cestos, as artesãs precisam seguir algumas etapas.

RASPAGEM - Primeiramente os talos do arumã precisam ser raspados. As artesãs raspam os talos até chegar à parte branca, retirando toda a parte verde, elas utilizam um dia nesse processo. Esse trabalho pode ser feito a qualquer hora do dia ou da noite, independendo da temperatura, como disse dona Rosa "*colhemos o arumã, depois começamos a raspar, pode ser a qualquer hora e como o tempo que estiver com sol ou chuva*". Portanto, esse serviço poderá ser realizado pela artesã a qualquer momento do dia ou da noite.

PINTURA E SECAGEM – Para pintar o arumã as artesãs utilizam de dois recursos naturais retirados na própria comunidade, o Urucum e a Balseira. O urucum é utilizado para pintar o arumã na cor vermelha e a balseira utilizada para pintar o arumã na cor preta. Para pintar o arumã é preciso contar com a ajuda do sol, o dia deverá está ensolarado para facilitar a secagem das peças. Quando as tintas, vermelha e preta já estão secas, o arumã é novamente pintado com o cumatê, uma espécie de fixador, utilizado para fixar as tintas vermelha e preta e dar brilho às peças, como falou dona Divina "*leva um dia para raspar o arumã, para pintar*

vai depender do sol, do tempo". E dona Rosa enfatiza ainda mais "*quando pintamos o arumã é preciso a ajuda do sol, deve tá ensolarado para poder ser pintado com o cumatê*".

Figura 32 – Pintura do arumã – cumatê e balseira
Fonte - Rafaela Falcão

O cumatê não é retirado na comunidade, precisa ser comprado em outros municípios como o município de São Paulo de Olivença e Tabatinga, compram dos índios ticuna da comunidade Umariaçú. O cumatê é comprado num preço de R$ 20,00 por cada dois litros, ou seja, um cocão como eles falam. Para cada um cocão de cumatê são pintadas e produzidas mais de quinhentas peças, dependendo do tamanho delas.

DESTALAR – Para destalar o arumã a artesã poderá utilizar qualquer hora do dia ou da noite. Para destalar o arumã as artesãs precisam de um dia ou mais para fazer esse serviço, isso depende da quantidade de arumã que tem para destalar. Para isso elas utilizam uma faca ou um facão para retirar as fasquias (tiras), cada talo de arumã do falso poderá se dividir entre 8 a 10 fasquias e do arumã verdadeiro varia entre 05 a 07 fasquias por ser mais fino que arumã falso. Isso depende muito da largura das fasquias pretendida pela artesã. Ela retira as tiras e em seguida retira uma espécie de bucha que existe nos talos do arumã para que fique somente a fibra que servirá para tecer as cestas.

Figura 33 - Artesã destalando o arumã
Fonte - Franckson Carneiro Felix

4.3.7 TECITURA DO ARUMÃ

Após o arumã ser raspado, pintado e destalado, as artesãs iniciam o processo da tecelagem, ou seja, começam a tecer os cestos. Esse processo é mais complicado porque precisam contar com as condições do tempo. Na maioria das vezes as artesãs utilizam o arumã falso para confeccionar os cestos. Esse tipo de arumã é menos flexível, é mais seco e quebra fácil, por esse motivo ele deve ser tecido a uma temperatura baixa, quando o dia está mais frio pela manhã ou pela noite, pois a alta temperatura faz com que as talas endureçam e podem se quebrar durante a tecelagem podendo machucar as mãos da artesã como também estragar seu trabalho, assim como afirmou dona Rosa "*para tecer o cesto é preciso tecer na sombra para não quebrar as talas e desperdiçar nosso trabalho*". Portanto, o melhor horário de tecer o arumã falso é pela manhã ou a noite. Quando tecem com o arumã verdadeiro podem tecer a qualquer hora do dia, pois esse tipo de arumã é mais flexível, mais maleável, mais resistente e não é afetado pela mudança de temperatura.

Como as artesãs utilizam mais o arumã falso, dependem sempre das condições do tempo para terminar o serviço, por isso se dedicam bastante para não perderem as encomendas e consequentemente o dinheiro. As artesãs levam de quinze a vinte e cinco dias desde a coleta do arumã até a produção final das cestarias de arumã. Dona Divina comenta que "*em quinze dias faço vinte e cinco peças de artesanato, todos os tipos, pacará, cestos, abaju e outros*". Quando a encomenda das peças é maior, elas precisam de uns três meses para fazer a entrega da encomenda.

Figuras 34 - Artesãs tecendo pacará com as fibras do arumã
Fonte - Rafaela Falcão

Dona Ermelinda diz que "*as vezes as artesãs passam fome quando estão fazendo esse processo, porque precisam se dedicar a esse trabalho e não temos tempo para fazer a comida, buscar a banana ou fazer nosso trabalho nas nossa roça*" Elas gastam um dia para coletar o arumã, outro para raspar, outro para pintar e vários outros para tecer as fibras.

4.3.7.1 PRODUÇÃO DAS PEÇAS

As artesãs produzem diversas peças com as fibras do arumã, entre elas estão abajur, tipiti, peneiras, pacarás, fruteiras, luminária etc. Cada artesã produz em média de quinze a vinte e cinco peças pequenas em quinze dias e levam um mês para produzir de quinze a vinte peças grandes.

Figura 35 - Artesanatos produzidos pelas artesãs da AMATÜ
Fonte: Iatiçara Oliveira

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossa pesquisa foram realizadas quatro oficinas, cujos resultados proporcionaram uma visão maior sobre o uso do recurso natural arumã pela comunidade Ticuna Bom Caminho. Foi identificado que não existem mais arumanzais próximo à comunidade e que os maiores arumanzais estão localizados muito distante, nas proximidades dos igarapés Crajari e Simondia, fora da propriedade da comunidade e distantes cerca de 06 km (em linha reta) da comunidade. O arumanzal mais próximo localiza-se nas proximidades do igarapé Butinquim a uma distância de 02 km (em linha reta) da comunidade, para chegar ao arumanzal, os artesãos gastam cerca de uma hora e meia caminhando.

Um dos pontos destacados pelos participantes durante nosso trabalho foi que as produções das cestarias que vinham sendo confeccionadas secularmente de forma isolada, com a criação da AMATÜ, as artesãs começaram a se organizar e a produção foi aumentando, com isso a matéria prima (arumã) foi sendo mais valorizada e o artesanato produzido pelos associados da AMATÜ foi ganhando um maior espaço no mercado. A construção do Centro de Artesanato *Torü Cuaagüpata* com a finalidade de organizar a produção e comercialização do artesanato foi outro ponto importante de organização da geração de renda na comunidade.

Desde a criação da AMATÜ, as mulheres começaram a trabalhar mais unidas, pois com a valorização do artesanato da comunidade as encomendas começaram a chegar e as artesãs precisavam se unir e trabalhar cada vez mais para cumprir o compromisso com os compradores e atender suas expectativas.

Com a valorização das cestarias das fibras de arumã, houve também a valorização do conhecimento tradicional, pois quem não tinha interesse em aprender a trabalhar com a cestaria, passou a ter, pois viam que a atividade artesanal estava melhorando a qualidade de vida das artesãs envolvidas. Dessa forma, valorizando o conhecimento tradicional que até então só quem conhecia eram as mulheres mais idosas da comunidade, e assim as mulheres mais jovens começaram a se interessar e aprender a tecer com suas mães ou nos cursos oferecidos pelos parceiros da AMATÜ.

Se por um lado esse recurso natural foi mais valorizado, por outro aumentou a pressão extrativa sobre ele. Percebemos também que os comunitários entendem que se eles não utilizarem o arumã com responsabilidade ele vai desaparecer e prejudicar a produção e consequentemente irá afetar a economia local e consequentemente a qualidade de vidas.

A distancia dos arumanzais da comunidade dificulta o trabalho, porque gastam muito tempo para fazer a coleta, isso prejudica o desenvolvimento dos trabalhos, pois o tempo gasto

para coletar o arumã poderia ser utilizado para fazer outras atividades como raspar, pintar ou tecer as fibras. Observou-se também que as populações naturais de arumã estão diminuindo estando cada vez mais escasso na comunidade, sendo encontrado com maior abundancia somente fora das propriedades da comunidade.

Verificamos através das oficinas e das saídas de campo que nas capoeiras podem ser encontradas touceiras de arumã, mas os artesãos não costumam utilizá-los, pois os arumãs da capoeira não se desenvolvem, não crescem e não engrossam, ficam com as folhas amareladas e não servem para fazer cestos grandes, servindo apenas para fazer cestos pequenos.

Na opinião dos artesãos, na capoeira o arumã não se desenvolve porque não tem sombra, pois o arumã gosta de sombra e charco para se desenvolver.

Os comunitários consideram que com o aumento do número de famílias na comunidade houve necessidade de abertura de roçados através dos mutirões e as queimadas que vem aumentando a cada dia para fazer as plantações isso afetam os arumanzais que cada vez mais está diminuindo, pois os comunitários que não trabalham com essa matéria-prima não se preocupam com o seu desaparecimento e na hora de abrir os roçados cortam e queimam as touceiras de arumã. O uso irracional e a falta de aproveitamento também são ameaças sofridas pelas populações naturais de arumã, pois muitas vezes os talos não são bem aproveitados e dessa forma sofrem desperdício de matéria prima, como também os coletores que não são artesãos não tem nenhum cuidado na hora de coletar e prejudicam assim sua a reprodução.

Os artesãos reconhecem que precisam trabalhar juntos, valorizar os conhecimentos tradicionais e os recursos naturais do qual sobrevivem. Dessa forma, aproveitar as oportunidades que chegam à comunidade através do reconhecimento dos artesanatos. Somente assim poderão eliminar as fraquezas e evitar as ameaças que estão contribuindo para que o arumã matéria essencial na produção da cestaria desapareça e prejudique a geração de renda das famílias artesãs da comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabio Vaz de. *Desenvolvimento Sustentado entre os Ticuna: as escolhas e os rumos de um projeto*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Desenvolvimento Agrícola, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFRJ, 1996.

ATHAYDE, S.F. 2000. *Sustentabilidade ambiental de recursos naturais utilizados na cultura material Kaiabi no Parque Indígena do Xingu, região Amazônica, Brasil.* Etnoecológica 4(6): 84–100.

AUMEERUDDY-THOMAS, Y., S. Saigal, N. Kapoo, and A.B. Cunningham. 1999. *Joint management in the making: Reflections and experiences.* People and Plants 7. UNESCO, Paris.

CASTELLANET, C. and C.F. JORDAN. 2002. *Participatory action research in natural resource management: A critique of the method based on five years' experience in the Transamazônica Region of Brazil.* Taylor and Francis, New York.

CHAMBERS, R. 2004. *Notes for participants in PRA-PLA Familiarisation Workshops in 2004*. Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton. [PDF file: http://www.ids.ac.uk/ids/ particip/research/pra/pranotes04.pdf] (verified January 16, 2006).

CRUZ, Jocilene Gomes Da . Abordagem Sociológica Sobre os Tikuna no Contexto Contemporâneo. Manaus – AM, 2006.

DRUMOND, Maria Auxiliadora. Técnicas e Ferramentas Participativas para a Gestão de Unidades de Conservação (2ª Ed.). GTZ. Brasília: MMA, 2009.

GRUBER, Jussara Gomes. *A Educação e a Arte Ticuna*. In: Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

HEGENBERG, Leônidas. Etapas da Investigação Científica. São Paulo: E.P.U/EDUSP, 1976.

INSTITUTO *Brasileiro de Geografia e Estatística*-IBGE, 2010. Disponivel em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1 > acesso em: 28 de mar. 2013.

IIED. 1994. Whose Eden? *An overview of community approaches to wildlife manage-ment.* International Institute for Ecology and Development (IIED)/Russell Press, London.

KLOOSTER, D.J. 2002. *Toward adaptive community forest management integrating local forest knowledge with scientific forestry*. Economic Geography 78(1):43– 70.

PRETTY, J.N., I. Guijt, J. Thompson, and I. Scoones. 1995. *Participatory learning and action: A trainer's guide. International Institute for Ecology and Development* (IIED), London.

RICHARDS, P. 1985. *Indigenous agricultural revolution: Ecology and food production in West Africa*. Unwin Hyman, London.

VAN BODEGOM, A.J. 2000. *Natural forest management by local groups in the humid tropics*. Theme Studies Series 2 Forestry and Biodiversity Support Group. National Reference Centre for Nature Management, Wageningen.